

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

TATIANA MÉLO CARDOSO

**SÃO FRANCISCO DE PAULA:
O ENSINO DE HISTÓRIA E A IDENTIDADE LOCAL**

CAXIAS DO SUL

2019

TATIANA MÉLO CARDOSO

**SÃO FRANCISCO DE PAULA:
O ENSINO DE HISTÓRIA E A IDENTIDADE LOCAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Casias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C268s Cardoso, Tatiana Melo
São Francisco de Paula : o ensino de história e a identidade local /
Tatiana Melo Cardoso. – 2019.
98 f. : il. ; 30 cm
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Casias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em História, 2019.
Orientação: Cristine Fortes Lia.
1. História - Estudo e ensino. 2. História (Ensino fundamental). 3.
Educação - São Francisco de Paula (RS). 4. Memória coletiva - São
Francisco de Paula (RS). I. Lia, Cristine Fortes, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016-94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

SÃO FRANCISCO DE PAULA:
O ENSINO DE HISTÓRIA E A IDENTIDADE LOCAL

Tatiana Mélo Cardoso

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós - Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 5 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliane Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Jorge Luiz da Cunha
Universidade Federal de Santa Maria

Dedico esse estudo a todos que fizeram parte desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado força para me manter firme no propósito de concluir o mestrado.

Aos meus pais, Rivan e Benta, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, minha eterna gratidão. Amo muito vocês!

Ao meu esposo Norli, que esteve presente em todos os momentos, com paciência e, muitas vezes, me acompanhando durante as pesquisas para que não fosse só. Te amo muito!

Ao meu filho Bento Manoel, pela compreensão de ver sua mãe mergulhada em livros, em frente ao computador, sem poder lhe dar muita atenção. Minha razão de viver!

Ao meu irmão Tarciano, que sempre me incentivou para que fizesse o mestrado. Muito obrigada por suas palavras.

À minha orientadora Professora Dra. Cristine, pelos ensinamentos prestados, por ter me oportunizado vivências tão ricas que, com certeza, muito colaboraram para o sucesso desta pesquisa. Minha eterna gratidão!

Aos professores do Mestrado, pelos ensinamentos prestados, com certeza muito agregaram em minha vida profissional. A vocês meu carinho!

Aos entrevistados, Sr. Dr. Moacir, Sr. Orides, Sr. Jaures, Sr. Blair, Sr. Nauro, Sr. Darci, Sr. Reinaldo e a Sra. Susana, Sra. Luciana, Sra. Deotildes, Sra. Célia, Sra. Amália Celuderes e Sra. Maria Madalena, pelo apoio, recebendo-me em suas residências e colaborando com esta pesquisa. Sem a colaboração de vocês esse trabalho seria mais difícil. A vocês meu muito obrigado!

À minha amiga Lisandra, que sempre me apoiou com suas palavras de carinho, dando-me coragem para prosseguir. Agradeço pela sua amizade!

E, por fim, aos meus alunos, que compartilharam muitas vezes as minhas angústias, meu cansaço, mas sempre me apoiaram. Em especial, aqueles que testaram o produto, por suas doces palavras. Meu eterno agradecimento.

RESUMO

A presente dissertação aborda o ensino de História em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, tendo como princípio que o ensino de História partindo do local se torna mais significativo aos estudantes da educação básica. Para a construção dessa pesquisa, se utilizaram diferentes abordagens metodológicas, tais como, documentos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, jornais, fontes bibliográficas, imagens e depoimentos orais. O estudo procurou abordar a construção do município, bem como, o que identifica os sete distritos pertencentes a São Francisco Paula. Como resultado, se cria um paradidático físico, com textos, imagens, curiosidades, sugestões de atividades e leituras complementares, que servirá de apoio pedagógico aos professores e estudantes da educação básica. Espera-se que este material possa servir de pesquisa a todos os interessados.

Palavras-chave: Ensino de História. São Francisco de Paula. Identidade.

ABSTRACT

This dissertation deals with History teaching in São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, with the principle that History Teaching from the place becomes more meaningful to students of basic education. For the construction of this research, different methodological approaches are used, such as documents of the Legislative Assembly of Rio Grande do Sul, newspapers, bibliographic sources, images and oral testimony. The study sought to address the construction of the municipality, as well, which identifies the seven districts belonging to San Francisco Paula. As a result, a physical paradidático is created, with texts, images, curiosities, suggestions of activities and complementary readings that will serve as pedagogical support to teachers and students of basic education. It is hoped that this material can serve as a research to all interested parties.

Keywords: Teaching History. São Francisco de Paula. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Identificação das Sesmarias Serranas	26
Figura 2 – Divisão Municipal em 1809 – Província São Pedro do Rio Grande do Sul	28
Figura 3 – Vista da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra (1901).....	29
Figura 4 – Vista Avenida Júlio de Castilhos (1923)	30
Figura 5 – Abertura da estrada ERS-020: Taquara – São Francisco de Paula de Cima da Serra	31
Figura 6 – Açougue Central.....	33
Figura 7 – Igreja Matriz em 1931.....	34
Figura 8 – Igreja Matriz	34
Figura 9 – Mapa de localização de São Francisco de Paula.....	36
Figura 10 – Patroa Neuza Reis e sua Comissão.....	39
Figura 11 – Gonzaga dos Reis.....	48
Figura 12 – Outdoor entrada da cidade na ERS-020	50
Figura 13 – Praça Central de Cazuza Ferreira.....	52
Figura 14 – Hotel do Campo	54
Figura 15 – Flâmula de comemoração aos 50 anos da entidade.....	57
Figura 16 – Barragem do Salto	58
Figura 17 – Igreja Santo Antônio – Distrito de Eletra	61
Figura 18 – Pé com a fruta conhecido como Juá	63
Figura 19 – Praça Vila do Distrito Juá, ao fundo cancha de laço	65
Figura 20 – Imagem da Igreja São Roque, em dia de festa no Rincão dos Kroeff....	69
Figura 21 – Imagem do Casarão pouco antes de ser desmanchado	71
Figura 22 – Capa do livro	75
Figura 23 – Índice do livro	76
Figura 24 – Atividade do livro (capítulo 1)	77
Figura 25 – Atividade do livro (capítulo 1)	78
Figura 26 – Atividade do livro (capítulo 2)	79
Figura 27 – Atividade do livro (capítulo 3)	80
Figura 28 – Atividade do livro (capítulo 4)	81
Figura 29 – Atividade do livro (capítulo 6)	82
Figura 30 – Atividade do livro (capítulo 8)	83

Figura 31 – Atividade do livro (Sugestão de Leituras Complementares).....	84
Figura 32 – Alunos do Ensino Médio.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HISTÓRIA LOCAL E O ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA	17
3 SÃO FRANCISCO DE PAULA: CONSTRUÇÃO DO MUNICÍPIO	24
3.1 CONVERSA COM MEMORIALISTAS.....	25
3.2 AMPLIANDO O DIÁLOGO COM OS MEMORIALISTAS	28
4 SÃO FRANCISCO DE PAULA: DISTRITOS EM FOCO	41
4.1 DISTRITO SEDE.....	42
4.2 DISTRITO DE CAZUZA FERREIRA	51
4.3 DISTRITO DE TAINHAS	55
4.4 DISTRITO DE ELETRA.....	58
4.5 DISTRITO DO JUÁ	62
4.6 DISTRITO DO RINCÃO DOS KROEFF	66
4.7 DISTRITO DE LAJEADO GRANDE	70
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	90
FONTES CONSULTADAS	94
APÊNDICES	96
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MORADORES LOCAIS DOS DISTRITOS DE SÃO FRANCISCO DE PAULA	97
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	98

1 INTRODUÇÃO

Os métodos de ensino de História no Brasil vem sendo discutidos desde sua criação como disciplina. Segundo Nadai (1992-1993, p. 144), a introdução de História no currículo ocorre na terceira metade do século XIX, no Brasil, sendo que desde então passa por diversas modificações. Segundo Schmidt e Cainelli (2009), os métodos foram se adequando ao momento histórico brasileiro, em um primeiro momento ensinou-se a história da Europa Ocidental como a verdadeira história da civilização, uma história abstrata, sem relação com a vida do aluno. Nadai (1992-1993, p. 146) acrescenta que “a história da pátria surgia como seu apêndice, sem corpo autônomo e ocupando um papel extremamente secundário, consistia num repositório de biografias de homens ilustres, de datas e batalhas”.

Porém, a partir de 1860, segundo Schmidt e Cainelli (2009, p. 12-13), “no período republicano, a incorporação da concepção de que a disciplina História tinha a responsabilidade de formar cidadãos ganha força”, sendo assim, as escolas primárias e secundárias começaram incluir em seus programas a história nacional com o intuito da formação da nacionalidade, sendo a pátria com seus heróis o principal foco. Desta forma, a criação das diretrizes da Lei de Educação nº 5.692/71 reforça o modelo já instaurado:

Foi oficializado o ensino de Estudos Sociais nas escolas brasileiras, ficando os conteúdos específicos da História destinados somente aos alunos do antigo segundo grau. A concepção e os conteúdos da História continuavam atrelados às concepções tradicionais (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 13).

Com a redemocratização, na década de 1980, houve inúmeras discussões, que elencaram inúmeras abordagens e temáticas para o ensino da História, na atualidade as novas tendências se preocupam com a transposição didática, valorizando documentos históricos e incorporando novas linguagens e tecnologias, que permitem discussões e autonomia de pensamento. Neste sentido, as novas concepções de ensino de História, ao final do século XX, abrem a possibilidade de uma nova prática didática que, segundo Azevedo e Stamatto (2010, p. 709), “busca problematizar a relação passado-presente e, em geral, tomam a realidade do aluno como ponto de partida”.

Por se acreditar em um ensino de História onde a aprendizagem não ocorre em períodos estanques, de forma abstrata e sem relação com o presente, ou seja,

apresentando de forma linear, sem que haja contextualização, sendo apresentada através de leitura de textos e/ou resumos, permeando com atividades que, muitas vezes, não permitem um desenvolvimento de raciocínio histórico, que contribua para a construção da cidadania. Torna-se urgente pensar em um ensino voltado para a inclusão de novas contribuições historiográficas, como a história cultural, econômica e social, buscando, na realidade local, subsídios para a aprendizagem. Por isso, a presente dissertação traz a didatização da história de São Francisco de Paula, visto que a questão-problema está vinculada ao não uso da história local no ensino de História deste município e o pouco material disponível para o uso dos professores. Parte-se do pressuposto que ao abranger a história local, os sujeitos se veem como partícipes desta história estudada, significando e ressignificando conceitos históricos.

Corroborando com este estudo, Cunha (2016) traz considerações importantes relacionadas ao uso da história local. O autor aborda como algo essencial para compreensão da história geral na educação básica, o uso da história local, o que proporcionaria aos estudantes o reconhecimento como cidadão e a percepção e identificação dos lugares de memória por parte dos alunos, bem como, o sentimento de pertencimento do local. Desta forma, despertaria no aluno o interesse por um passado aparentemente desligado de sua realidade, estabelecendo relações com o seu cotidiano.

Desta maneira, acredita-se que os estudantes da educação básica compreenderão a história como algo que faz parte de suas vidas, tornando-se assim sujeitos da história, pois, se há reconhecimento, haverá também o sentimento de pertencimento que poderá ajudá-los a manter ou modificar a realidade que os cerca. Assim descrevem Schmidt e Cainelli:

Esse sentido do ensinar História não significaria não ter conteúdos para serem ensinados, mas olhar para estes conteúdos a partir da possibilidade de construir com os alunos novas questões, diante de conteúdos e temas propostos pela historiografia. Aprender história é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos. É olhar para o outro em tempos e espaços diversos (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 20).

Dentro desta perspectiva, o reconhecimento da memória social se faz importante, visto que se necessita invocá-la para que um determinado grupo ou local reconheça sua identidade social. Através de entrevistas com moradores de São

Francisco de Paula, se invoca a memória coletiva na busca da identidade dos sete distritos deste município. Visto que a história de São Francisco de Paula se inicia por volta do século XVIII, quando se datam as primeiras sesmarias¹ concedidas ao capitão Pedro da Silva Chaves. Posteriormente o capitão doa parte de suas terras para a construção do povoado que recebe o nome de São Francisco de Paula de Cima da Serra, por este ser devoto do Santo São Francisco. Reza no testamento do capitão Pedro da Silva Chaves que um de seus filhos foi o primeiro pároco a rezar missa no povoado. São Francisco de Paula pertenceu a Santo Antônio da Patrulha e, mais tarde, a Taquara, emancipando-se em 1902.

Há pouca bibliografia sobre a história de São Francisco de Paula, o que existe são livros escritos por memorialistas, onde se percebe a prioridade pela história do fundador, ou seja, do Capitão Pedro da Silva Chaves, dos índios Caaguarás, que habitavam a região, assim como os aspectos políticos administrativos. Alguns destes livros apresentam uma síntese cronológica de fatos importantes e descrevem, superficialmente, o jeito de viver do povo serrano². Mas a história de São Francisco de Paula está repleta de diferentes identidades que identificam a Sede³ e o Interior⁴ deste município e formam o jeito de viver do seu povo. A não exploração de elementos culturais que se fazem importantes para a construção de identidade destes lugares minimiza as memórias e as tradições que ali se apresentam, visto que,

as constantes novidades em diferentes campos do saber, os avanços da tecnologia, as infinitas possibilidades de comunicação simultânea têm provocado, sobretudo nas novas gerações, uma sensação de que o mundo em que se vive é dotado de um temporalidade constituída por um tempo presente contínuo (FIGUEIRA; MIRANDA, 2012, p. 46).

Neste sentido, fez-se uso de diferentes fontes para a construção do produto desta dissertação, que consiste de um paradidático, que possa servir como um

¹ **Sesmaria:** Terreno sem culturas ou abandonado, que a antiga legislação portuguesa, com base em práticas medievais, determinava que fosse entregue a quem se comprometesse a cultivá-lo.

² **Serrano:** gentílico de quem nasce em São Francisco de Paula.

³ **Sede:** distrito criado em 07 de janeiro de 1903, na mesma data da instalação oficial do Município. É o distrito onde se localiza a Prefeitura Municipal, Fórum, agências bancárias, lotéricas, hospital, casas comerciais e residências particulares. Normalmente, os moradores do interior, quando vão ao distrito, se referem como “vou a São Chico” e não como “vou a Sede”.

⁴ **Interior:** Cazuzza Ferreira, Juá, Eletra, Rincão dos Kroeff, Tainhas e Lajeado Grande são distritos que ficam na zona rural, apesar de todos terem uma pequena vila, que possui pouca infraestrutura. Alguns destes distritos ainda usam água de vertentes, sem nenhuma rede de esgoto, pois não possuem água fornecida pela Companhia de Água e Saneamento (CORSAN).

material disponível a alunos e professores no ensino de História de São Francisco de Paula. Segundo Munakata, entendem-se como paradidáticos:

Livros que, sem apresentar características próprias dos didáticos, são adotados no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, seja como material de consulta do professor, seja como material de pesquisa e de apoio às atividades do educando (MUNAKATA, 1997, p. 103).

Para a construção do paradidático, fez-se uso de bibliografias já existentes, jornais e documentos da Assembleia da Legislativa, bem como, o uso da história oral, sendo as entrevistas a fonte primordial para escrever sobre as semelhanças e diferenças existentes no modo de vida da população de São Francisco de Paula, visto que os depoimentos são importantes na preservação das memórias, tradições, bem como, das heranças identitárias. Neste sentido, Delgado (2003 p. 23) discorre, “narrativas, memórias, histórias e identidades, são a humanidade em movimento. São o olhar que permeiam tempos heterogênicos. São a história em construção. São memórias que falam”.

Portanto, a história oral busca registrar as vivências e lembranças de um determinado grupo, Alberti (2008, p. 29) assim define “história oral não é um fim em si mesma, e sim, um meio de conhecimento”. Quando se trabalha com a história oral, se faz necessário valorizar a memória, as identidades e tradições, pois estas formam a história local, ou seja, a história dos indivíduos que ali vivem. Halbwachs (2004) afirma que, com a perda da memória coletiva, também se perdem as tradições locais, tradições essas que identificam o modo de viver de um determinado local. Hobsbawn e Ranger entendem que as tradições podem ou não ser inventadas:

Tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com relação ao passado (HOBSBAWN; RANGER, 2015, p. 8).

Hobsbawn e Ranger (2015) ainda acrescentam que a criação de uma tradição independe da imposição de uma nova tradição, o que normalmente ocorre é uma rebelião cultural, que precede da elaboração de novas tradições que são adotadas pela população e, com o tempo, passam a se tornar tradições daquele local, formando a identidade local.

Neste sentido, Hall (2011, p. 39) discorre que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”. O autor ainda acresce que “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra” (HALL, 2011, p. 41). Dentro desta perspectiva, a memória, que se apresenta através de símbolos ou tradições, respalda a construção da identidade do povo de São Francisco de Paula, visto que a memória é a construção do passado de maneira atualizada e renovada no tempo presente. Assim, Halbwachs (2004, p. 64) descreve que “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”. Nessa lógica, o autor ainda descreve que “o mundo histórico é como um oceano onde afluem todas as histórias parciais” (p. 90).

O município de São Francisco de Paula é repleto de tradições que perpassam o tempo, que estão enraizadas no jeito serrano de ser, formando a sua identidade. Portanto, a história de São Francisco de Paula, descrita nesta dissertação, será apresentada em quatro capítulos.

O capítulo dois apresenta a discussão teórica metodológica sobre a importância do ensino da História local na sala de aula. Também conceitos, como memória e identidade, e a importância de se abordar o local, em prol do global.

No capítulo três, aborda-se a construção histórica do município de São Francisco de Paula, que vai desde a chegada do colonizador nesta terra até as instituições que se formam ao longo do tempo. Para isso, se faz uso de bibliografias já existentes, como Lucena (1971), Oliveira (1996), Teixeira (2002), Ribeiro (2003), Alves (2007) e Fonseca (2012), sendo todas essas obras importantes para São Francisco de Paula, visto que cada uma traz consigo um pouco da história deste município, porém sente-se falta da identidade e da memória na construção histórica. As obras são apresentadas sob o mesmo prisma, apresentando os índios Caaguarás e o Capitão Pedro da Silva Chaves, os fundadores desta terra, dando bastante ênfase aos sobrenomes que ali se desenvolveram. Também se fez uso de documentos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, além de jornais, encontrados no Arquivo Histórico de São Francisco de Paula.

No capítulo quatro, utiliza-se da fonte oral para que sejam identificadas as diferentes tradições e versões da história local, ou seja, a identidade de cada distrito, constituindo assim as particularidades que constroem o município de São Francisco de Paula. Para tanto, buscaram-se depoentes nas vilas dos distritos, sendo que a escolha se deu por duas pessoas por distrito, sendo um homem e uma mulher,

totalizando treze depoentes, todos da terceira idade, pois, segundo Bosi (1994, p. 82), “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”, memórias estas construídas por suas vivências neste local, o que justifica a relevância dos depoimentos para a construção do trabalho.

O capítulo cinco apresenta uma descrição do produto, que consiste em um paradidático, em forma física, abordando a história de São Francisco de Paula. A escolha pelo formato físico acontece pelas dificuldades encontradas no interior dos distritos com o acesso à internet, assim se pensa que o formato físico abrangerá um número maior de alunos e professores.

Para tanto, utiliza-se a metodologia da História oral, para escrever a memória e as percepções das pessoas que habitam este local. Hobsbawn e Ranger (1995, p. 103) escrevem que “essa proximidade entre o período analisado e sua história pessoal é o pano de fundo para a discussão de alguns problemas que qualquer historiador enfrenta ao escrever sobre seu próprio tempo”, pois a sensibilidade do historiador vai escrever sua narrativa. Em outras palavras, Hobsbawn e Ranger (1995, p. 104) explicam que “cada historiador tem sua própria vida, um lugar privado a partir do qual inspeciona o mundo”. Também afirmam:

Para aqueles que querem escrever a história do século XX, uma das mais importantes reside no simples fato de saber, sem nenhum esforço especial, o quanto as coisas se modificaram. Os últimos trinta ou quarenta anos foram os mais revolucionários da história. O mundo, ou seja, a vida dos homens e mulheres que vivem na Terra, nunca foi transformada de maneira tão profunda, dramática e extraordinária dentro de um período tão curto. As gerações que não viram como o mundo era antes têm dificuldade em perceber isso intuitivamente (HOBSEBAWN; RANGER, 1995, p. 107).

Portanto, se faz importante perceber que o mundo vem se transformando de maneira rápida, modificando a vida das pessoas e, por conseguinte, as tradições e identidades locais, pois estas comunidades não vivem de forma isolada e sofreram influências, já que a cultura não é estagnada, está sempre em constante movimento, juntamente com as pessoas.

2 HISTÓRIA LOCAL E O ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

Discutir o ensino de História na educação básica e a relação do mesmo com a história local se faz bastante importante, para que a cada dia se possa melhorar as práticas pedagógicas. Neste sentido, se busca respaldo em diferentes bibliografias que possam embasar novos afazeres dentro do espaço da sala de aula e proporcionar ao estudante um novo olhar sobre a história, um olhar de sujeito ativo dentro desse processo de ensino aprendizagem.

Pois, quando a História é ensinada como algo certo e imutável de maneira fragmentada, voltada para linearidade e memorização de fatos e datas, reforça o que Mendes (1935) e Schmidt e Cainelli (2009) defendem, que realmente é odiosa a história ensinada por este viés. Percebe-se que o ensino de história linear, nos moldes europeus positivistas, já não dá mais conta da importância da história para a sociedade atual, porque é apresentada, aos alunos, através de datas e fatos, escrita pelo viés de uma elite que, normalmente, é branca e detém o poder político e/ou econômico. É inconcebível que se permaneça com um ensino de História que não serve, não motiva e, segundo Rüsen (2001, p. 25), ainda “irracionaliza”, sendo esse modelo muito frequente nas escolas de educação básica brasileiras.

Não é por outro motivo que observamos, ainda nas últimas décadas do século XX, que, para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de sentido ou utilidade; não se tem a visão de ciência, e sim, de uma matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos, a prontidão em declinar nomes, datas e fatos. Não é de se estranhar que assim seja, porque ocorre a enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de História, já que o aluno se torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração (BARBOSA, 2006, p. 58).

O ensinar da história de forma abstrata, fragmentada dificulta a compreensão do processo histórico, no sentido que se estuda os fatos isolados ao seu tempo, como se um fato precisasse terminar para iniciar outro. Em outras palavras, este método de ensino não dá a noção de continuidade, ou seja, a história perdeu seu sentido básico que é a compreensão do contexto global dos fatos, considerando que o ensino de História por muitas vezes é estanque, sem uma relação “presente x passado”, sendo de suma importância o despertar de uma consciência crítica por parte do estudante. Por isso, ao longo do tempo, o ensino sofre influência por parte do “poder”, segundo Laville (1999, p. 128), “a História é certamente a única disciplina

escolar que recebe intervenções diretas dos altos dirigentes e a consideração ativa dos parlamentos. Isso mostra quão importante é ela para o poder”. Nesta linha, o autor ainda acrescenta que “a narrativa histórica pode também ser vista como uma tomada de poder por grupos sem poder” (LAVILLE, 1999, p. 129).

Na busca de modificar esse modelo, surgem novos métodos, que valorizam o uso do documento histórico, e a incorporação de novas tecnologias, de acordo com Azevedo e Stamatto (2010, p. 720), “tem o desafio de responder a inquietações do hoje”. Partindo deste pressuposto, há possibilidade de se modificar o ensino da História, que até então estava voltado à memorização, para um modelo onde o sujeito seja agente deste processo.

Ensinar História como algo pronto e acabado [...] sem levar em conta o contexto e os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, pode levar a um ensino que não desenvolve o que é mais importante como função do ensinar história, que orientar os problemas da vida prática (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 20).

Assim, Seffner (2013, p. 51) acrescenta que “o ensino de História é um ensino de situações históricas. Mais do que nomes, datas e acontecimentos, o professor deve propiciar ao aluno a compreensão de como se estrutura uma dada situação”. Para que o ensino de História seja ressignificado, existe a necessidade de análise do processo histórico, problematizando os fatos no vai e vem do presente/passado.

Os estudantes da educação básica necessitam compreender a história como um processo em constante transformação, que é movimentada por sujeitos que a compõem, com permanências e rupturas ao longo dos tempos. Segundo Bittencourt (2004, p. 168), “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do aluno”.

Corroborando, Seffner (2013), Souza (2015) e Brum (2015) evidenciam a importância de se trabalhar a história global partindo de uma história local, problematizando, levando hipóteses e analisando os fatos históricos, o que gera significado para o educando e torna o docente não mais um mero transmissor, mas um mediador deste conhecimento. Neves (1997, p. 22) reforça que “o local, fora do contexto geral, é apenas um fragmento, e o geral, sem o respaldo das realidades locais, é apenas uma abstração”. Com esta nova abordagem, o estudar História tem sentido para o discente, que se sente sujeito de sua própria história, visto que

identificar-se com o local onde se vive ajuda a compreender o sentimento de pertencimento e suas relações com o meio social e cultural no qual está inserido.

Nesta perspectiva, faz-se necessário que os professores busquem novas alternativas de ensino que proporcionem ao estudante a habilidade de ressignificar o fato histórico estudado.

Ensinar História requer do professor a habilidade de buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra e, isso significa superar a mera transmissão de informações, já que essa não tem por finalidade o desenvolvimento intelectual, mas, ao contrário, deforma a capacidade de pensamento histórico do aluno e a possibilidade de consolidar habilidades de análise da própria realidade social (SILVA; PORTO, 2012, p. 67).

Goubert assim define a história local:

Denominaremos história local como aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um *county* inglês, um contado italiano, uma Land alemã, uma *bailiwick* ou *pays* francês). Praticada há tempos atrás com cuidado, zelo e até orgulho, a história local foi mais tarde desprezada — principalmente nos séculos XIX e primeira metade do XX — pelos partidários da história geral. A partir, porém, da metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado; na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada (GOUBERT, 1992, p. 70).

Neste sentido, fica evidente a importância de se partir de uma história local para uma global. Através da história local, os estudantes terão contato com sua história e poderão se sentir parte integrante deste espaço que, muitas vezes, por falta de conhecimento acabam renegando sua própria identidade. Figueira e Miranda (2012, p. 113) afirmam que “um dos efeitos mais danosos da globalização é a universalização dos gostos”, isto implica diretamente na perda da identidade local que, muitas vezes, está sendo afetada pelas múltiplas identidades existentes. Neste sentido, Silva e Porto descrevem:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local (SILVA; PORTO, 2012, p. 21).

Neste sentido, Canclini acrescenta:

Las comunidades de consumidores se organiza cada vez menos según diferencias nacionales y, sobre todo en las generaciones jóvenes, definen sus prácticas culturales de acuerdo con información y estilos homogeneizados (CANCLINI, 1997, p. 42).

Globalização que impõe, através dos meios de comunicação e social, uma identidade geral, que regra a sociedade, seus hábitos e costumes. Devido ao grande movimento das pessoas pelo mundo, perceber e manter uma identidade com características locais fica a cada dia mais difícil, ainda mais em se tratando da população jovem, que não reconhece ao seu redor o que representa a sua identidade local.

Valorar as experiências locais proporcionará aos estudantes uma nova metodologia de abordar a história:

Do ponto de vista metodológico, destaca-se nessa forma de abordagem a preocupação com os conhecimentos prévios dos alunos, com a problematização dos conteúdos de ensino selecionados para trabalho em sala de aula, estabelecendo relações com o cotidiano dos alunos e com o cotidiano de outras pessoas, em outros tempos e em outros lugares. Enfatiza-se, também a busca de articulação entre história local e a história universal (SCHMIDT, 2007, p. 193).

O ensino de história partindo do local para o global possibilita, segundo Bittencourt (2004, p. 168), “a compreensão do entorno do aluno”, sendo que um dos aspectos relevantes para este ensino é a escolha de fontes que levem os estudantes a se reconhecerem nesse processo histórico. O autor ainda acresce:

É pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os ‘lugares de memória’ (grifo da autora), expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico (BITTENCOURT, 2004, p. 169).

Esta memória vai contribuir para legitimação da identidade local. Sabe-se que a identidade é algo mutável e, segundo Silva e Porto (2012, p. 38), “as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo”. O pesquisador ainda acrescenta que “as identidades são contingentes, emergindo em momentos históricos particulares”. Estas identidades precisam ser reconhecidas quando se fala de história local.

Na mesma linha, Rüsen descreve a identidade histórica:

Consiste na ampliação do horizonte, nas experiências do tempo e nas intenções acerca do tempo, no qual os sujeitos agentes se asseguram da permanência de si mesmos na evolução do tempo. O ponto extremo dessa consolidação de identidade é a ‘humanidade’, como suprasumo dos pontos comuns em sociedade, com respeito a diversos sujeitos agentes, no processo de determinação de suas próprias identidades, determinam as dos outros de forma tal que estes se reconhecem nelas. Esse critério de sentido, ‘humanidade’, fornece o parâmetro para se constatar a consolidação da

identidade em que desembocam o progresso contínuo do conhecimento mediante a pesquisa histórica e a ampliação contínua das perspectivas mediante a reflexão histórica sobre referenciais (RÜSEN, 2001, p. 126).

A história local é constituída por diferentes identidades que são geradas pelos grupos que compõem este espaço. A este respeito, Silva e Porto (2011, p. 41) apresentam que “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra”. Também é notável que, para que haja a representação de suas identidades locais, faz-se necessário o reconhecimento destas e a percepção que existem diferentes fatores que diferenciam os grupos sociais.

Portanto, a identidade é constituída pelas posições e/ou escolhas feitas, sendo que, muitas vezes, elas são racionais ou, até mesmo, irracionais. A identidade é baseada na memória que pode ser individual ou coletiva. Segundo Candau (2011, p. 16), “os laços fundamentais entre memória e identidade é sobre o fato de que é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade”.

Se a memória gera a identidade, não se pode pesquisar e escrever sobre história local, sem levar em conta estes dois conceitos primordiais, pois a história local só terá valia se escrita pelo viés do todo, ou seja, não priorize um grupo ou classe social, todos os quadros sociais devem estar representados dentro deste processo. Nessa linha, Schmidt e Cainelli descrevem:

O estudo da localidade ou da história regional contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de se ver mais de um eixo histórico na história local e na possibilidade da análise de micro histórias, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 139).

Uma história que faz sentido, que esteja englobada a outra história. A memória coletiva entra na construção desta história local e é primordial, pois esta vai dar elementos que constroem a identidade deste local, sendo que a memória do passado influencia na representação da identidade. Neste sentido, conforme Figueira e Miranda (2012, p. 47), é necessário compreender a memória “como a capacidade de conservar e de preservar dados, refere-se a um conjunto de funções cerebrais que nos permite reter informações adquiridas e impressões vividas”. Podendo ser ela individual ou coletiva, sendo que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, já que as lembranças que ajudam a reconstruir o passado partem do interior de um grupo.

Para as Ciências Humanas, o conceito de memória está ligado à memória social e coletiva, definida por Le Goff (2003, p. 422) como “o estudo da memória social é um dos elementos fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”. O autor ainda acrescenta que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, p. 410). Neste sentido, Halbwachs (2004, p. 90) ressalta que “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo, e o mundo histórico é como um oceano, onde afluem todas as histórias parciais”.

Quando se abordam conceitos de memória e identidade, no ensino de história, está se trazendo para o estudo os sujeitos que compõem aquele local, com suas vivências, que podem ser coletivas ou não. A transmissão de saberes entre as gerações forma a identidade coletiva, sendo o ser humano um agente ativo no quadro social da memória.

Halbwachs assim define os quadros coletivos da memória:

Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo (HALBWACHS, 2004, p. 71).

Nesta direção, Le Goff (2003, p. 4) acrescenta que “a memória social é um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da história. A memória está nos próprios alicerces da história”. Catroga (2001) reforça que a memória é moldada a partir das vivências e na sua narrativa vai haver uma coerência que se mistura passado e presente.

Quando se escreve sobre história local, é importante considerar que ela está pautada em documentos, assim como em memórias escritas, visuais ou orais. Neste sentido, é perceptível que o uso dos diferentes tipos de memória são alicerces que conduzem o trabalho do historiador, para que ele possa interpretar suas fontes e validar seu trabalho. Memórias estas que podem ser apresentadas com documentos oficiais ou através de uma cultura material ou imaterial.

A escrita de histórias locais vem como um novo modelo de resguardar identidades e memórias que, se não preservadas, irão desaparecer pela influência da globalização e falta de conhecimento de futuras gerações. Barros assim descreve:

Os novos tempos começavam a trazer um novo padrão historiográfico, novas aberturas, retornos e possibilidades e, também, incertezas para os historiadores no que se refere à natureza do conhecimento que produzem e ao papel do conhecimento histórico na sociedade. [...] Entre as novidades, postula-se a possibilidade de examinar a história de acordo com uma nova escala de observação – atenta para o detalhe, para as micro realidades, para aquilo que habitualmente escapa ao olhar panorâmico da macro história tradicional – e é esta nova postura que se passou a chamar de micro história (BARROS, 2012, p. 306).

Diante deste contexto, o ensino de História pode buscar na história local a problematização necessária para que os estudantes da educação básica reconheçam a identidade local, que vem sofrendo com a uniformização da sociedade que impõe uma conjuntura global, do local.

3 SÃO FRANCISCO DE PAULA: CONSTRUÇÃO DO MUNICÍPIO

A apresentação do município São Francisco de Paula acontece através do uso da narrativa. Esta se apresenta através do diálogo com obras já produzidas por memorialistas e/ou genealogistas, que contribuem para a construção histórica deste local, bem como, se usa, como fonte de enriquecimento, documentos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e jornais locais.

Para tanto, se apresenta a revisão historiográfica das obras escritas pelos memorialistas e/ou genealogistas, sendo que Lucena (1971), em sua obra “São Francisco de Paula: Monografia”, que abrange aspectos históricos da formação do município, bem como pontos turísticos e demográficos. O próprio autor intitula a sua obra como informativa, a riqueza de detalhes é interessante, porém não há nenhuma referência quanto aos dados escritos, nem mesmo um referencial bibliográfico ao final.

No texto intitulado “Os Fundadores de São Francisco de Paula”, Alves (2007) escreve sobre a fundação de São Francisco de Paula. Em seu livro, há documentos que validam o que se refere à genealogia, já que boa parte da obra apresenta os troncos familiares que compunham o início deste município. Na mesma linha da genealogia, Oliveira (1996), no livro “Aurorescer das Sesmarias Serranas: história e genealogia”, traz a história das primeiras sesmarias da região, mas o foco principal se dá aos proprietários e seus descendentes. Há um mapa bastante interessante localizando as sesmarias e o nome por elas recebidos.

Em “São Francisco de Paula: nossa terra, nossa gente”, Teixeira (2002) apresenta dados gerais e históricos do município. Esta obra apresenta dados geográficos como clima, relevo e vegetação. A autora escreve sobre diversos aspectos, eventos, personalidades e lendas. Além disso, apresenta São Francisco de Paula com uma linha cronológica. A obra abrange vários aspectos, mas todos sucintamente. No final, a autora apresenta a bibliografia consultada, dentre os autores está Lucena (1971).

O texto “São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul: história, encantos e mistérios” é uma obra de Fonseca (2012) que traz diversidade de assunto, muitas vezes, estes estão desconexos, ou seja, sua leitura se torna “truncada”. No final do texto, há um vasto referencial bibliográfico, dentre os autores, citam-se Lucena (1971) e Teixeira (2002).

Ribeiro (2003) é compositor e poeta. Em “Festival do Ronco do Bugio”, escreve sobre São Francisco de Paula, apresentando a história dos quinze anos do festival no município. No início, contextualiza a origem do festival e do ritmo bugio. Depois apresenta a capa do disco de cada festival, especificando as músicas e os compositores vencedores.

Todas essas obras são importantes para São Francisco de Paula, cada uma traz consigo um pouco da história deste município, porém sente-se falta da identidade e da memória na construção histórica. As obras são apresentadas o mesmo prisma, apresentando os índios Caaguarás e o Capitão Pedro da Silva Chaves, os fundadores desta terra, dando bastante ênfase aos sobrenomes que ali se desenvolveram.

3.1 CONVERSA COM MEMORIALISTAS

As terras onde hoje fica São Francisco de Paula eram habitadas por índios da tribo Caaguarás, que faziam parte dos Coroados. Estes viviam livremente nos campos de cima da serra e seus domínios estendiam-se entre a Serra Geral e a Serra do Mar. Os índios Caaguarás tinham como hábitos alimentares a caça, a pesca e a coleta de sementes e frutos, dentre os frutos, o pinhão e a goiaba-domato, segundo Teixeira (2002) e Alves (2007). Estes índios tiveram seu habitat invadido por incursões de desbravadores, que começaram a tráfegar pela região em busca de mulas e novas terras, visto que, as terras onde hoje se encontra São Francisco de Paula de Cima da Serra foram rota de tropeiros⁵, pois estes tráfegavam pelos Campos de Cima da Serra, indo na direção de Lages-SC até alcançarem Sorocaba-SP.⁶ Ao passarem por esta região, foram se formando pequenos vilarejos e construindo um jeito peculiar de viver.

Neste cenário, aparece o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, que recebe este nome para se diferenciar de São Francisco de Paula, denominação recebida, até meados de 1830, pelo município de Pelotas. Porém, na metade do século XVIII, São Francisco de Paula de Cima da Serra possuía

⁵ **Tropeiros**: homens que conduziam suas tropas/comitivas de muare ou cavalos entre as regiões.

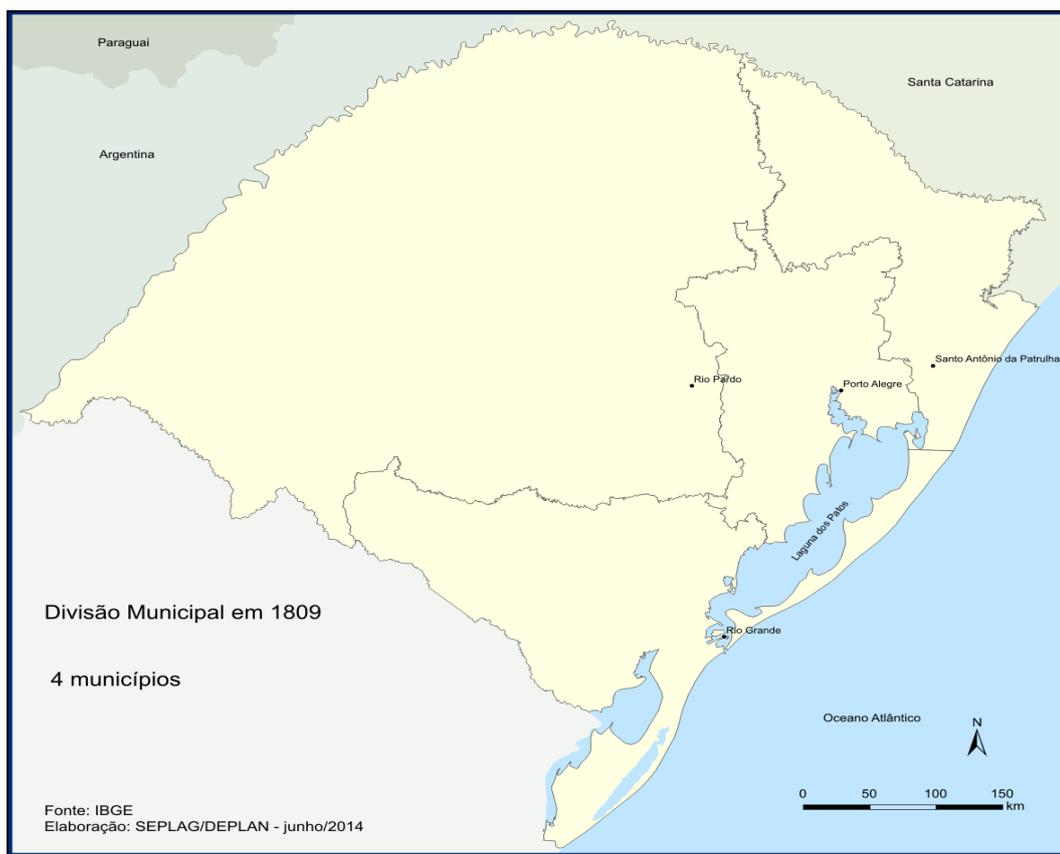
⁶ Sugere-se a leitura: FLORES, Moacyr. **Troperismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998. SAVARIS, Manoelito. **Tropas e tropeiros**: o Rio Grande toma forma. Disponível em: <www.rogeriobastos.com.br/2011/04/trpas-e-tropeiros-o-rio-grande-toma.html>. Acesso em: 12 mar. 2016.

No mapa apresentado na Figura 1, ainda é possível observar a localização, onde inicia o povoado de São Francisco de Paula de Cima da Serra, segundo Lucena (1971, p. 1), “iniciou-se com o Capitão Pedro da Silva Chaves, que doou uma gleba de terra, para que fosse iniciado o povoado”. Também, segundo Lucena (1971, p. 1), “doou cinquenta vacas para construir o primeiro patrimônio da Igreja, cuja construção foi iniciada por sua conta e lhe deu o nome de São Francisco, por este ser devoto do Santo”. O que demonstra que Pedro da Silva Chaves era Católico.

Neste período, compreendido como século XIX, segundo Teixeira (2002) e Alves (2007), o atual município de São Francisco de Paula pertencia ao município de Santo Antônio da Patrulha, município este que formava, juntamente com Porto Alegre, Rio Pardo e Rio Grande, a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual Rio Grande do Sul. É possível observar a grande extensão territorial de cada município no mapa apresentado na Figura 2, segundo Silva (2000), Santo Antônio da Patrulha anexava as freguesias de N. Sra. Conceição do Arroio e N. Sra. da Oliveira da Vacaria, a capela de São Domingos das Torres e os povoados de Santa Cristina do Pinhal e Cima da Serra.

Analisando o mapa da Figura 2, é possível perceber que o município de Santo Antônio da Patrulha tinha um vasto e extenso território, que atualmente compreende os municípios de Vacaria, Antônio Prado, Nova Roma do Sul, Lagoa Vermelha, Veranópolis, Nova Prata, Nova Araçá, Nova Bassano, Paraí, Guabiju, São Jorge, Vista Alegre do Prata, Protásio Alves, Cotiporã, Fagundes Varela, Vila Flores, Caseiros, Birajaras, Andre da Rocha, Capão Bonito do Sul, Muitos Capões, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Esmeralda, Ipê, Campestre da Serra, Monte Alegre dos Campos, Taquara, São Francisco de Paula, Cambará do Sul e Jaquirana.

Figura 2 – Divisão Municipal em 1809 – Província São Pedro do Rio Grande do Sul



Fonte: Evolução Administrativa (2013).⁷

3.2 AMPLIANDO O DIÁLOGO COM OS MEMORIALISTAS

Segundo documentos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul⁸, disponíveis no Arquivo Histórico de São Francisco de Paula⁹, em 1852, através da Lei nº 266, de 30 de novembro de 1852, eleva-se à categoria de freguesia a então capela São Francisco de Paula de Cima da Serra, pelo então vice-governador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o senhor Luiz Alves Leite de Oliveira Bello. Estes documentos ainda retratam que no ano de 1886 houve distribuição de lotes devolutos, para pessoas pobres que comprovassem residência há pelo menos três anos e se comprometessem a “fundar moradia” em um prazo de um ano, sendo assim, passados três anos, seriam donos definitivos destes lotes, dando o início ao povoamento da vila. No mesmo período, acontece a criação do cemitério municipal

⁷ Disponível em: <www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/evolucao-administrativa-1809-a-2013>. Acesso em: 18 mar. 2017

⁸ O diálogo com memorialista se amplia, a partir de agora, com contribuições de documentos pesquisados, que corroboram para a compreensão do tema.

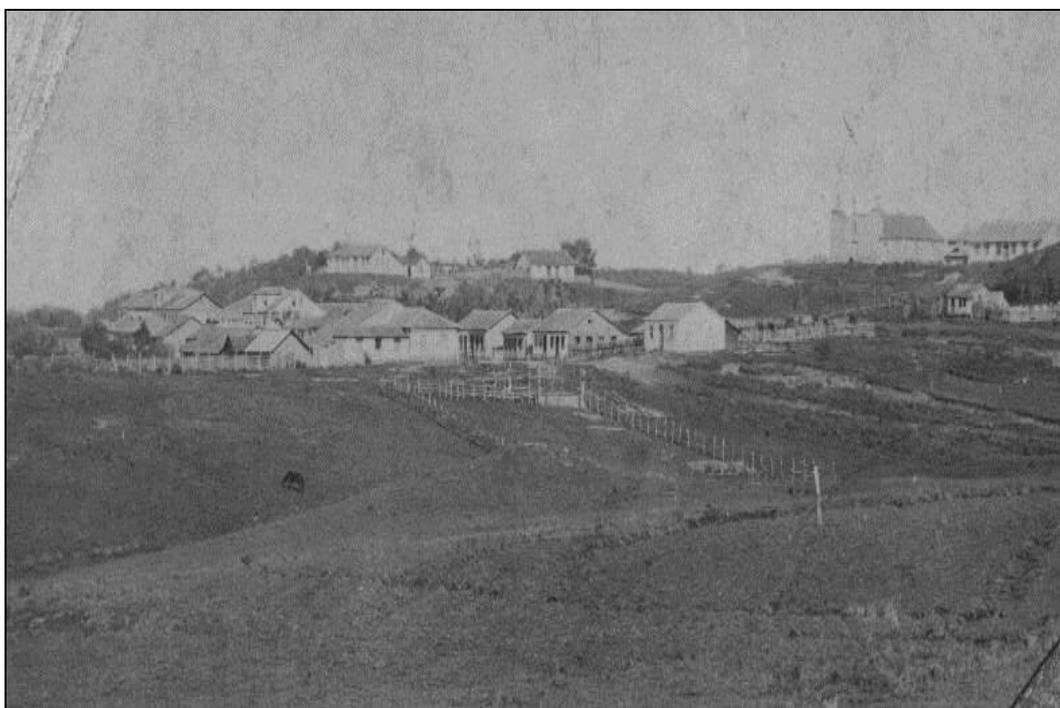
⁹ BARBOSA, Eni; GONÇALVES, Jorge José Xavier (Orgs.). **Documentos históricos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**. Arquivo Histórico de São Francisco de Paula, 1992.

que ocorre em 1891, segundo documentos da Assembleia Legislativa, disponíveis no Arquivo Histórico de São Francisco de Paula. Estes documentos informam que, primeiramente, somente moradores que comprovassem residência há mais de três anos e pudessem manter os jazigos de seus entes, poderiam fazer uso deste espaço. Através desta documentação se percebe que havia toda uma organização para que “estrangeiros” não se estabelecessem em São Francisco de Paula de Cima da Serra.

Em 1889, São Francisco de Paula de Cima da Serra passa a categoria de vila e deixa de pertencer a Santo Antônio da Patrulha, passando a ser distrito do município de Taquara do Mundo Novo (hoje Taquara), o que traz mudanças significativas para a vila.

Mesmo havendo distribuição de lotes, após quinze anos, percebe-se, na Figura 3, que o povoado ainda era pequeno, cercado de campos que constituíam fazendas com criação de gado vacum, tendo como principal economia a pecuária extensiva. Ao alto, pode-se visualizar a Igreja Matriz, construída pelo capitão Pedro da Silva Chaves.

Figura 3 – Vista da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra (1901)

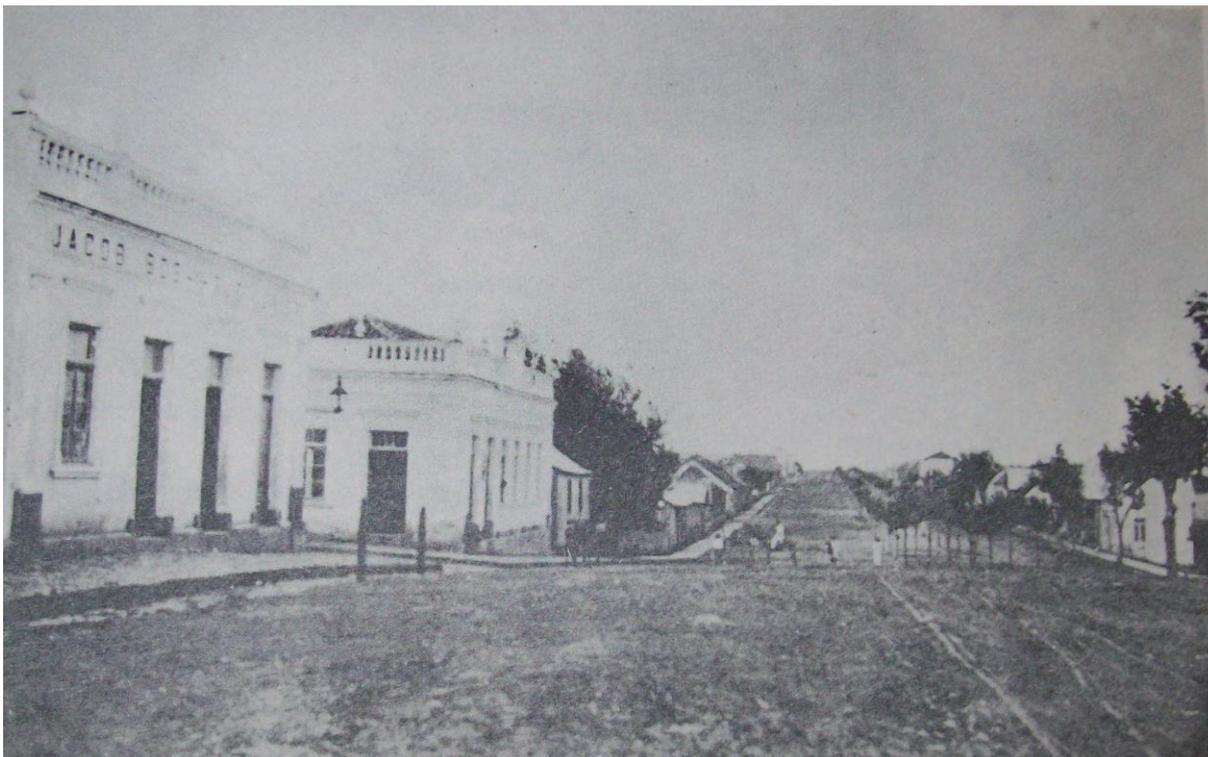


Fonte: Portal São Chico (2018).¹⁰

¹⁰ PORTAL SÃO CHICO. **Fotos antigas de São Francisco de Paula**. 2018. Disponível em: <www.saochico.com.br/antigas>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Ainda é possível observar, através da Figura 3, que neste período não havia nenhuma preocupação com a organização urbana, ou seja, ruas, quadras, as construções se apresentam de maneira desordenada. Porém, passados vinte e dois anos, na Figura 4 já é possível visualizar uma estrutura urbanizada, com possível organização de ruas e quadras, mas a vila ainda é rodeada de campos.

Figura 4 – Vista Avenida Júlio de Castilhos (1923)



Fonte: Lucena (1971, p. 67).

O desenvolvimento da Sede de São Francisco de Paula acontece, segundo Lucena (1971, p. 27), “nos primeiros anos de vida, isto é, de 1910 a 1924, mais ou menos, devido à extração da erva-mate, que era abundante em nossos matos, nas zonas da serra”. O autor ainda acrescenta:

O pioneiro na extração da erva-mate em nossa Comuna, foi o proprietário Carlos Miguel Kroeff, dono da fazenda Potreirinho, praticamente, arrabalde de nossa cidade. No barba-quá¹¹ se iniciava todo processo de industrialização da erva-mate, sendo que São Francisco de Paula chegou a ter quinhentos barbá-quas (LUCENA, 1971, p. 28).

¹¹ **Barba-quá:** um valo de cerca de oito metros de comprimento, amis ou menos, por um metro de profundidade e oitenta centímetros de largura, coberto de xaxim e terra; em uma das extremidades colocava-se um gradeado e acima deste, em uma parte também coberta e mais alta, tinha apenas uma saída; sob o gradeado colocava-se as folhas de erva, extraída da árvore, no início do valo fazia-se um fogo e a fumaça que pela pouca ventilação existente formava bastante fumaça, e esta atingia as folhas secando-as (LUCENA, 1971, p. 28).

A produção de erva-mate contribuiu para o povoamento da vila, visto que muitas pessoas vieram trabalhar e acabaram se instalando no município. Após a extração da erva-mate, surge a extração de madeira, que também contribui para o desenvolvimento.

Nesta documentação, ainda se encontra no artigo nº 251, de 08 de abril de 1891, a liberação da verba para abrir a estrada de rodagem que liga as vilas de Taquara do Mundo Novo e São Francisco de Paula de Cima da Serra, em 1889. Através da Figura 5, pode-se perceber o quão difícil era abrir uma nova estrada de rodagem. Tudo era manual, com o uso de animais e muares para transportar pedras e terras, porém a abertura desta estrada traz mudanças significativas para a população de São Francisco de Paula de Cima da Serra.

Figura 5 – Abertura da estrada ERS-020: Taquara – São Francisco de Paula de Cima da Serra



Fonte: Jornal Folha da Serra (1968, n. 89, p. 8).¹²

¹² **Folha da Serra:** jornal criado em 1932, pelo Dr. Sílvio Rabelo, sendo o único jornal que existia na região serrana. Este trazia notícias sociais, políticas, etc., com uma tiragem em torno de 500 exemplares por semana. Encontram-se, no Arquivo Histórico de São Francisco de Paula, alguns exemplares até a década de 70, século XX.

A estrada visava facilitar o acesso da população de São Francisco de Paula de Cima da Serra que ia até Taquara para buscar gêneros de primeira necessidade.

Em tempos idos, os serranos se abasteciam de gêneros de primeira necessidade, quase que totalmente, em Taquara, e o transporte era feito em cargueiros, que compunham uma tropa com cerca de quinze a vinte cargueiros. Os animais usados para esse transporte eram, geralmente, muares, mais resistentes para o transporte de carga. Os serranos levavam daqui, queijo (o queijo até hoje chamado queijo serrano), charque, couros e, alguns levavam maçã ou pinhão, em suas épocas de colheita, trocados por mantimentos de que necessitavam. Não existiam, ainda, estradas e o trajeto era feito por picadas existentes (LUCENA, 1971, p. 23).

O mesmo autor ainda acrescenta:

Para atingir a capital do Estado, a viagem era cheia de peripécias. O transporte era feito a cavalo ou em diligências até Taquara. As diligências, carros de quatro de rodas, puxados por quatro animais – cavalos – eram de propriedade de Bertolo Casara, mais conhecido por ‘João Gringo’. Essa viagem se fazia, normalmente, em um dia e, às vezes, em dia e meio. O ponto de parada era ali, no Rodeio Bonito, onde existia uma casa à esquerda, bem defronte a estrada que desce para Três Coroas [...]. De Taquara a Porto Alegre, por via ferroviária – de trem (LUCENA, 1971, p. 16).

A construção desta estrada traz um novo desenvolvimento para a então vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra, pois após a abertura da estrada de rodagem Taquara – São Francisco de Paula de Cima da Serra modifica o transporte de mercadorias entre as localidades:

O transporte de mercadorias era feito em carretões de quatro rodas puxados, uns por cinco animais, outros por sete, as maiores que geralmente, eram muares. Eram atrelados em duas fileiras. Na fileira junto à carreta, que era de duas ou três mulas, na da esquerda, montava o carreteiro. Este toda vez que se verificava um declive na estrada apeava de sua montaria a fim de breicar a carreta, sem que esta, entretanto, parasse (LUCENA, 1971, p. 24).

Este modelo de comércio vai desaparecer com o surgimento das primeiras casas de comércio na vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra. De acordo com Lucena (1971, p. 38), “os primeiros comerciantes foram Manoel Vicente Ferreira, Abel Pacheco, Luis Carlos de Andrade e Jacob Bossle Sobrinho”. Na imagem da Figura 6 temos o Açougue Central, onde nota-se que os animais convivem soltos na rua, juntamente com as pessoas, mesmo se tratando de local urbano.

Figura 6 – Açougue Central

Fonte: Portal São Chico (2018).¹³

Nesta mesma documentação, há decretos que definem a construção de uma nova Igreja Matriz, isto é, uma Igreja de Pedra, substituindo a antiga que era de madeira, ainda construída pelo capitão Pedro da Silva Chaves, esta construção data do ano de 1922. Segundo Teixeira (2002, p. 30), a Igreja de Pedra permanece até 1960, quando dá lugar ao atual prédio da Igreja Matriz, que foi inaugurada em 14 de junho de 1964. Na sequência, teremos duas imagens demonstrando a Igreja de Pedra e a atual edificação da Igreja Matriz. Não foi encontrada nenhuma foto da Igreja de Madeira nos arquivos do Arquivo Histórico do Município, somente em um site de fotos antigas, onde encontra-se registro apresentado na Figura 7.

¹³ PORTAL SÃO CHICO. **Fotos antigas de São Francisco de Paula**. 2018. Disponível em: <www.saochico.com.br/antigas>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Figura 7 – Igreja Matriz em 1931



Fonte: Portal São Chico (2018).¹⁴

Figura 8 – Igreja Matriz



Fonte: acervo da autora (2015).

¹⁴ PORTAL SÃO CHICO. **Fotos antigas de São Francisco de Paula**. 2018. Disponível em: <www.saochico.com.br/antigas>. Acesso em: 12 abr. 2019.

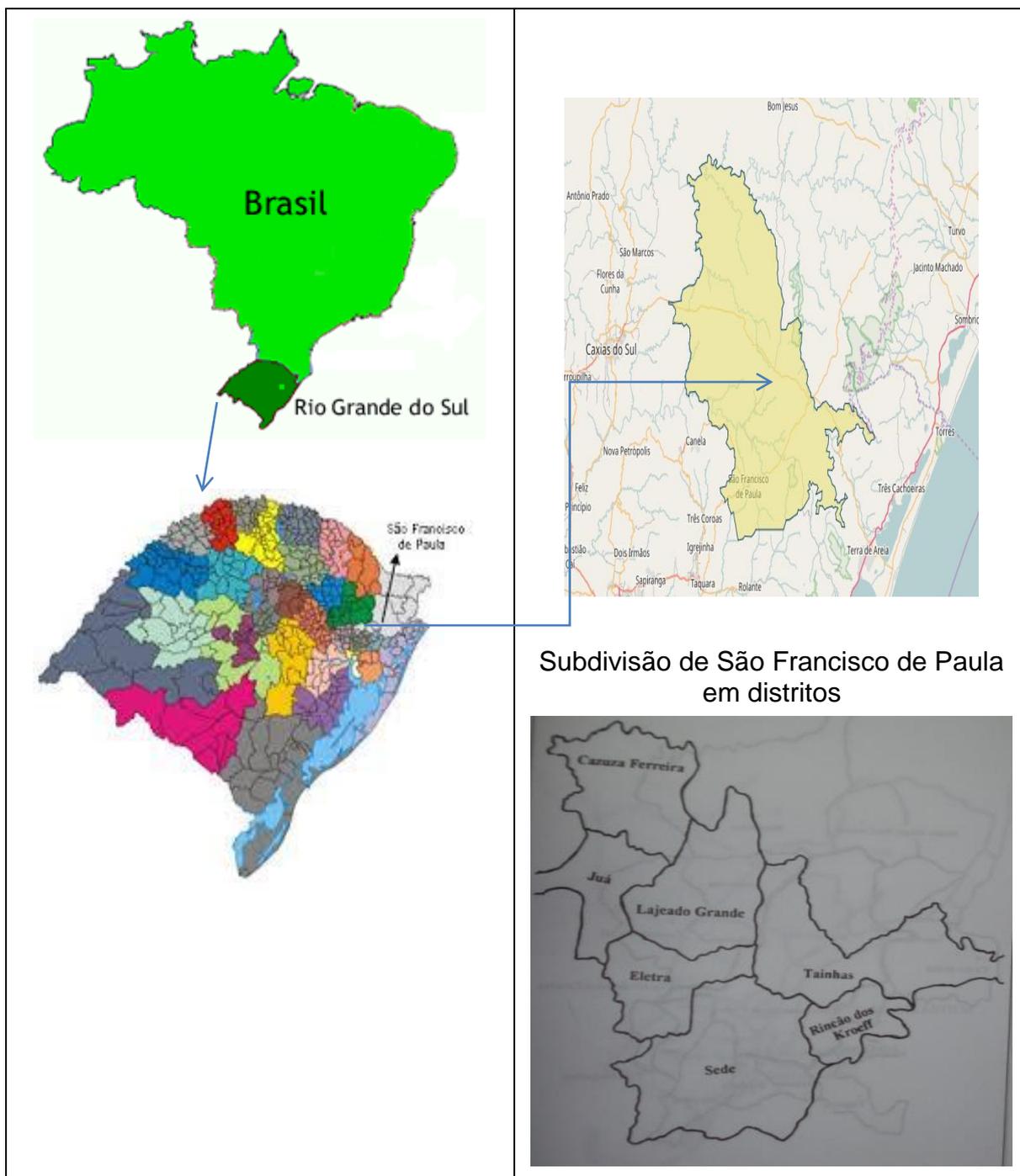
Entre os anos de 1892 a 1902, por duas vezes, São Francisco de Paula de Cima da Serra é desanexado e reanexado ao então município de Taquara do Mundo Novo. Somente em 23 de dezembro de 1902 foi reestabelecido, definitivamente, o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra, cuja instalação se verificou em 07 de janeiro de 1903. A partir de 01 de janeiro de 1938, perde “Cima da Serra” de sua nomenclatura, permanecendo somente São Francisco de Paula. Apesar disso, se mantém o gentílico “Serrano”, de acordo com Silva (2000, p. 23) e dados do Arquivo Histórico de São Francisco de Paula, sendo que este gentílico é usado até os dias de hoje.

No início, o município de São Francisco de Paula foi um dos maiores do Rio Grande do Sul em território, mas, ao longo do tempo, foi diminuindo seu território com a anexação de parte dele ao então município de Caxias do Sul e de Torres e a criação dos municípios de Cambará do Sul, em 1963, e Jaquirana, em 1988.

Foi uma das maiores Comunas do Estado, pois de seu território faziam parte: os atuais municípios de São Marcos, Cambará do Sul e Jaquirana e os distritos de Vila Oliva, Criúva, Fazenda Souza e Vila Seca hoje integrantes de Caxias do Sul. De nosso território foi também desanexada uma gleba de terra – Josafá – e anexada ao município de Torres (LUCENA, 1971, p. 10).

Mesmo perdendo parte de seu território ao longo dos anos, atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), “São Chico”, como costumeiramente é chamado pelo seu povo, está situado na Encosta Inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, na zona denominada de Campos de Cima da Serra. Fica distante 112 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre. Os municípios limítrofes são Monte Alegre dos Campos, Bom Jesus, Jaquirana, Cambará do Sul, Praia Grande-SC, Três Forquilhas, Itati, Maquiné, Riozinho, Rolante, Taquara, Três Coroas, Canela e Caxias do Sul. Possui uma área territorial de 3.264,490 quilômetros quadrados, com uma estimativa populacional de 21.617 habitantes, distribuídos na zona urbana e rural. O município se divide em sete distritos: Sede, Cazuza Ferreira, Tainhas, Juá, Eletra e Lajeado Grande. Através do conjunto de mapas apresentado na Figura 9, é possível visualizar a localização de São Francisco de Paula dentro do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, no Brasil. Também se verifica a localização dos distritos de São Francisco de Paula.

Figura 9 – Mapa de localização de São Francisco de Paula



Fonte: montagem da autora (2019).

Desta forma, se constitui o espaço físico do município de São Francisco de Paula, cuja população não forma uma colônia, pois seu povo advém de diferentes lugares, a grande maioria com descendência lusa, sendo que os primeiros colonizadores foram bandeirantes paulistas.

A população de São Francisco de Paula é composta de brancos, africanos e indígenas. Os brancos compreendendo portugueses (principalmente

açorianos), alemães e italianos; os africanos pertenciam ao grupo dos bantos e foram trazidos pelos portugueses (TEIXEIRA, 2002, p. 147).

A diversidade de pessoas que se estabeleceram em São Francisco de Paula pode ser percebida pelos sobrenomes das famílias precursoras do município:

Para São Francisco de Paula afluíram famílias de diversas nacionalidades que, através de seus descendentes, ainda hoje, aqui são representadas, como: Famílias Ferreira, Soares, Pinto, Castilhos, Asmuz, Santos, Martins, Lopes, Comin, Feijó, Silva, Canani, Peixoto, Andrade, Teixeira, Valin, Lucena, Alves, Cardoso, Gomes, Borges, Marques, Tedesco, Medeiros, Paglióli, Costa, Fogaça, Casara em outras (LUCENA, 1971, p. 11-12).

Os moradores deste município introduziram um jeito singular de viver, tendo em seu cotidiano as tradições gaúchas¹⁵ muito presentes. Teixeira (2002, p. 83) assim descreve que “as raízes gaúchas estão fortemente marcadas na comunidade, seja pelo modo de vestir bombacha, botas, cinturões, chapéus e, no inverno, com o pala ou pela preferência por comidas campeiras: churrasco, carreteiro, feijão mexido”. A autora acrescenta que “as casas com lareira e o tradicional fogão à lenha, para aquecê-las durante o inverno rigoroso, são um convite para uma conversa ao pé do fogo e o saboreio de um gostoso chimarrão” (TEIXEIRA, 2002, p. 83).

O enraizamento deste modo de vida advém do homem do campo, o pecuarista que, no passado, necessitava enviar seus filhos a cidade para, estudar, contribuindo para este modelo de vida.

Antigamente, a pecuária era a atividade econômica muito forte, em nosso município. Assim sendo, havia muitos fazendeiros. E, como as fazendas ficavam muito longe da Sede do município, as senhoras tinham seus filhos em casa, com parteiras. Também, os estudos iniciavam nas fazendas, porque as escolas ficavam longe. Assim, muitas vezes, os fazendeiros contratavam professoras para se hospedarem nas suas casas e darem aulas aos seus filhos. Em muitos casos, até mesmo os próprios pais e avós ensinavam alguma coisa. Alguns fazendeiros, quando seus filhos ficavam maiores, os mandavam continuarem seus estudos na vila (assim ‘São Chico’ era chamada) (TEIXEIRA, 2002, p. 77).

Com a vinda dos filhos para a vila, trouxeram consigo o jeito do homem do campo, sendo que um dos maiores clubes em funcionamento de São Francisco de Paula é o atual Centro de Tradições Gaúchas Rodeio Serrano, fundado em maio de

¹⁵ **Tradições gaúchas:** segundo Fagundes (1997, p. 38), é um movimento cívico-cultural [...] é a tradição em marcha, resgatando valores que são válidos não por serem antigos, mas por serem eternos, exatamente os valores que trouxeram o Rio Grande e o gaúcho do passado para o presente, projetando-se para o futuro.

1955. Segundo o Jornal Folha da Serra (1968, n. 11, p. 12), a entidade tradicionalista recém-formada recebe o nome de CTG Coronel Alziro Torres Filho. Fonseca (2012, p. 223) menciona que a iniciativa partiu de “Davenir Peixoto Gomes, um homem ruralista e serrano”. Esta entidade tradicionalista teve como primeiro Patrão Oscar Teixeira. O CTG Alziro Torres Filho, segundo o jornal Folha da Serra (1957), muda sua nomenclatura em uma reunião onde o posteiro da invernada artística Alaor Valim propõe a troca do nome para Rodeio Serrano, nome que permanece até a atualidade.

A entidade tradicionalista traz como lema “Repontando a Tradição com o Rio Grande na Garupa”. Fonseca (2012, p. 224) relata que o lema foi “criado pelo primeiro instrutor de danças Dr. Alaor de Almeida Valim”. O mesmo autor acrescenta que “a primeira prenda foi a professora Maria Asmuz Valim”. Porém, sua sede somente foi construída em 1968, sob a patronagem de Dante Santos. O Jornal Folha da Serra (1968, n. 11, p. 12) indica que “a construção da sede era uma aspiração de longos anos, que somente agora se concretiza”. Anteriormente, “os bailes eram realizados em sua maioria no Salão Paroquial, sendo que alguns foram feitos no primeiro andar da Associação Rural e, até mesmo, na Sociedade Cruzeiro” (FONSECA, 2012, p. 225). Este fato justifica a vontade de Dante Santos de construir uma sede própria.

Após a construção de sua nova sede, o CTG Rodeio Serrano localiza-se na Rua Benjamim Constant, nº 582, constituindo um espaço importante para a comunidade de São Francisco de Paula. Dentre as atividades desenvolvidas pelo CTG, está o Rodeio Interestadual, que ocorre todos os anos, no primeiro final de semana de dezembro, sendo que se encontra na 33ª edição. A manutenção das invernadas artísticas em todas as categorias: mascote, mirim, juvenil e adulta. A organização da Ronda Crioula, na Semana Farroupilha, bem como a Cavalgada de Prendas, que ocorre durante a Semana Farroupilha, todos os anos. Realiza-se o baile da Prenda Jovem, além de shows e bailes tipicamente gauchescos. Além disso, nos últimos anos, a organização do Festival Ronco do Bugio, que ocorre em São Francisco de Paula, “festival este lançado em 16 de abril 1986”, segundo o Jornal São Chico Tchê (1986, n. 4, p. 5)¹⁶.

¹⁶ **São Chico Tchê**: jornal de circulação quinzenal, fundado em 08 de janeiro de 1986, e que circulou até 1989. O jornal trazia informações culturais, sociais, econômicas e políticas, da Sede e do

Durante os seus sessenta e dois anos de existência, muitos patrões passaram por esta entidade tradicionalista, mas, em 2017, pela primeira vez na história, o CTG Rodeio Serrano teve uma patronagem feminina. Além da Patroa Neuza Reis, foram empossadas a Capataz Elenita Amaral, a Sota-capataz Fernanda Kirsch Damasceno, o Agregado das Pilchas Antônio Garcia de Souza e, no Conselho de Vaqueanos, Neiva Santos Valim.

Figura 10 – Patroa Neuza Reis e sua Comissão



Fonte: Jornal Pioneiro (2017).¹⁷

São Francisco de Paula hoje conta com vinte e oito entidades tradicionalistas¹⁸, espalhadas pelos seus distritos, demonstrando que homem do campo se faz muito presente em todo o município, sendo assim a cultura

interior. Os exemplares encontram-se encadernados no arquivo histórico de São Francisco de Paula.

¹⁷ **Jornal Pioneiro**: conhecido como o jornal que está “ao teu lado”, o Pioneiro circula desde 1948 e está presente hoje em 64 municípios da região de Caxias do Sul. Desde 1993, integra a rede de jornais do Grupo RBS, sendo filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC). Conta com uma equipe de Redação com mais de 40 jornalistas, além de colunistas internos e externos. Em 2008, o jornal ganhou o site pioneiro.com. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/pioneiro/>>, acesso em 10 de fevereiro de 2019.

¹⁸ Informação cedida pelo Coordenador da 27ª Região Tradicionalista Gaúcha.

tradicionalista se apresenta de maneira forte e consistente, segundo vários depoimentos de moradores de todos os distritos de São Francisco de Paula.

4 SÃO FRANCISCO DE PAULA: DISTRITOS EM FOCO

Quanto aos distritos de São Francisco de Paula, surgem diversas inquietações com relação à identidade destes locais, pois, estes mesmo fazendo parte de um mesmo município, apresentam singularidades que derivam de sua colonização basicamente lusa portuguesa e da recepção de imigrantes de diversas etnias como italianos e alemães ao longo destes cento quinze anos de emancipação. Percebe-se que alguns distritos mantêm sua identidade e tradições resguardadas, enquanto em outros já ocorreu à miscigenação de diferentes hábitos e culturas o que dificulta identificar traços que identifiquem estes distritos.

Neste capítulo, busca-se responder a estas inquietações, fazendo uso dos depoimentos de moradores locais. Segundo Delgado (2003, p. 21), “essas narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições”. Neste sentido, se optou por dois moradores por distrito, totalizando treze entrevistados, um homem e uma mulher da terceira idade que sempre morou no distrito, o que enriquece os detalhes repassados pelos entrevistados.

Toda entrevista tem por base a memória individual que se referencia na coletiva, profundamente relacionada às vivências individuais. A utilização do depoimento de pessoas idosas como fonte para a história oral é uma forma de justificar a entrevista como histórica, referindo-se ao passado, já que aos idosos se pretende atribuir a guarda de memórias do passado, pelo próprio tempo de vida do depoente. Isto retoma e ajuda a fortalecer a ideia de que a história, mesmo tratando do tempo presente, ainda se reporta a um período anterior ao da vida do pesquisador (ALMEIDA, 2012, p. 10).

A entrevista somente ocorreu quando o entrevistado concordou em assinar o termo de consentimento. As entrevistas ocorreram nas residências dos entrevistados, foram pré-agendadas, sendo que o método utilizado foi entrevista guiada através de questionário previamente organizado pela autora, as entrevistas foram filmadas e gravadas, onde somente uma entrevistada não autorizou a filmagem de seus relatos, justificando a idade avançada e por morar sozinha.

A escolha pela história oral híbrida ocorreu no sentido de que a fonte oral é o principal recurso utilizado para colher informações sobre os distritos, visto que em sua grande maioria não há publicações. Porém, em determinados momentos, se utilizam fontes documentais como complemento do que vem sendo apresentado. Com relação à abordagem adotada nas entrevistas, se optou pela temática, visto

que se leva um roteiro pré-organizado, com temas que deverão ser explorados durante as entrevistas, o que proporciona uma riqueza de informações para a autora.

4.1 DISTRITO SEDE

O distrito Sede se constitui no local onde se inicia o povoado do município, na antiga Fazenda da Cria, terras doadas pelo capitão Pedro da Silva Chaves. Neste distrito, concentram-se os serviços públicos e privados que os moradores necessitam em seu dia-a-dia, visto que ali existem bancos, casas lotéricas, farmácias, hospital, supermercados, lojas, papelarias, livraria, inspetoria veterinária, secretárias municipais, escolas públicas e privadas, creches, indústrias de madeiras e calçados.

Porém, o distrito Sede, ou cidade de São Chico, como popularmente conhecida pelo seu povo, já foi uma cidade de interior, ou seja, uma cidade pequena com moradores que vinham das fazendas em busca de estudo. Visto que a implementação de uma rede regular de ensino ocorre tardiamente, devido à dificuldade de se locomover pelas distantes localidades, então normalmente os fazendeiros contratavam professores para que seus filhos obtivessem estudo, sendo que estes moravam na própria residência da família. Em entrevista com essa autora, relata Albuquerque¹⁹ que *“para aprimorar os estudos, aqueles que tinham mais condições iam para Porto Alegre, Santa Maria ou Passo Fundo, mas para isto, ficavam lá em internatos e só retornavam nas férias, devido à dificuldade e o custo da viagem”*.

Na década de 40, foi criada a Escola Católica de São Francisco de Paula, cujo funcionamento acontece até 1973, quando foram encerradas suas atividades. Esta escola iniciou com o curso primário e, posteriormente, instalou o curso ginásial. Normalmente, estes moradores permaneciam de segunda-feira a sexta-feira na cidade e, nos finais de semana, retornavam para as fazendas, como recorda uma moradora local:

Nós éramos uma cidade de fazendeiros, a gente tinha uma casa no campo e uma na cidade, a gente vivia de lá pra cá, de cá pra lá, fim de semana ia

¹⁹ ALBUQUERQUE, Moacir Castello Branco de. Entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2018.

*pra fora*²⁰, dia de semana vinha pra cá, normalmente uma irmã mais velha, vó, ficava com a gente aqui na cidade e a família mesmo ficava no campo.²¹

Percebe-se que hoje ainda existem, na Sede, moradores que mantêm suas casas na cidade e durante o dia ou nos finais de semana vão até suas fazendas, para fazer as lides com o gado, o que caracteriza uma pequena parte da população, que foram os filhos dos antigos fazendeiros que mais tarde acabam se instalando definitivamente na cidade, trazendo com sigo a essência do homem do campo e afirmando uma identidade genuinamente gaúcha, definição esta concedida por uma moradora local:

*Gaúcho não é o morador do Rio Grande do Sul, o morador do Rio Grande do Sul é o sul-rio-grandense ou rio-grandense do sul, o gaúcho é apenas o homem que vem da pecuária extensiva, essa que existe lá no pampa e aqui nos campos de cima da serra, o gaúcho serrano com características muito próprias, grandes gaiteiros, poetas, aliás, o maior gaiteiro do mundo é daqui, não abro mão de dizer isto, só que todos nós vínhamos da lida do campo em decorrência disso éramos gaúchos de verdade.*²²

Em sua fala, apresenta o gaúcho serrano como um tipo singular, que ama a pilcha gaúcha, o seu pingo e suas criações, bem como, reafirma a importância dos Irmãos Bertussi, Honeide e Adelar, sendo Adelar Bertussi um dos maiores gaiteiros deste município. Exaltam-se também os poetas que, com suas poesias e letras de músicas, escrevem o jeito do seu povo viver.

Mesmo a cidade sendo “local de parada”, durante a semana, para a maioria de seus habitantes, no passado era cheia de atrativos que o campo não possuía, como o cinema, cuja instalação não se encontra documentada, mas sabe-se que iniciou onde hoje é o prédio da Prefeitura Municipal, sendo proprietário Francisco Ferraz (Chico Ferraz, como era conhecido). Observa-se, em alguns exemplares do Jornal Folha da Serra²³, os filmes e os horários do funcionamento do cinema. Entende-se que o jornal era uma maneira de divulgar os filmes, por ser o único meio de comunicação da época. Pelos folhetins se percebe que as sessões apresentavam diversos gêneros, não se sabe quando o cinema finalmente fechou,

²⁰ **Fora:** refere-se ir para a fazenda.

²¹ SOARES, Luciana Olga. Entrevista concedida à autora no dia 01 de março de 2018.

²² SOARES, Luciana Olga. Entrevista concedida à autora no dia 01 de março de 2018.

²³ **Folha da Serra:** jornal local, criado em 1932, pelo Dr. Sílvio Rabelo, passando, posteriormente, a propriedade da Prefeitura Municipal. Sua impressão era na ordem de 500 exemplares, não se tem a informação do período que parou de circular, mas pelos exemplares encontrados no Arquivo Histórico de São Francisco de Paula, os últimos datam de 1978. O Arquivo Histórico de São Francisco de Paula fica em um prédio anexo à Biblioteca Pública do município.

porém o jornal Folha da Serra traz uma reportagem que retrata como estava difícil manter o cinema em funcionamento, em meados de 1968: “o nosso cinema na maneira que vai indo não tem mais condições de funcionar, não temos apoio da população com uma frequência de, mais ou menos, 150 pessoas por final de semana”. O jornal acrescenta: “salienta-se que mais ou menos de 3% de nossa *CULTA?! população não frequenta o cinema*”. Pode-se associar o fechamento do cinema a dois fatores, a não cultura de assistir filmes e pelas sessões ocorrerem nos finais de semana, onde boa parte da população da cidade se deslocava para as fazendas, ou pela crise que os cinemas passaram na década de 80, quando em muitas cidades foram fechados.

A vida da população local vai se modificando, cada vez mais as pessoas vão se instalando definitivamente na Sede, onde se perde o vínculo com o campo. Devido à venda ou arrendamento das fazendas²⁴, que por render pouco a pecuária extensiva e com a criação de novas legislações, que proíbem práticas centenárias, seus proprietários buscaram novas possibilidades econômicas, que modificaram a Sede e, também, boa parte do interior. Em entrevista, a moradora Soares relata:

Exatamente porque a produção era pequena, isso não serve para o mundo de hoje, a uns quarenta anos chega, em nossos campos as primeiras plantações de pinus, interessante que ninguém reclamou da destruição desse campo de milhões de anos e de todo o ecossistema, mas mesmo com essa nova cultura, continuamos realizando a sapeca do campo no mês de agosto, mas de repente chega a notícia que está proibida a queima do campo, dizendo que nós estragávamos a terra, poluíamos o ar, que matávamos animais e tudo aquilo não era verdade. Na verdade, alguns anos depois da lei proibindo a queima do campo, chegam as multas, gigantescas, às vezes, maior que o valor da terra e aí, inviabilizou a pecuária e muitos fazendeiros venderam suas terras e foram embora. Quem ficou no campo, na busca por renda a qualquer preço, arrenda seus campos para os batateiros, que vieram acreditar que a grande maioria de Santa Catarina e do Paraná, estes lavram o campo, nunca mais o campo, nem com reza braba, tá tudo perdido para sempre e isso reflete na nossa cidade.²⁵

Essas mudanças no campo refletem na Sede, onde o homem serrano convive passivamente com novas identidades, que embora sejam presentes é minoria, pois esta parcela de novos moradores traz consigo um novo jeito de viver, que ainda não se percebe influenciar na identidade cultural da Sede.

²⁴ Propriedades rurais, cuja atividade principal é a prática da pecuária extensiva e a produção do queijo artesanal serrano.

²⁵ SOARES, Luciana Olga. Entrevista concedida à autora no dia 01 de março de 2018.

Na Sede, desde o início, se observam quatro clubes sociais, a Sociedade Cruzeiro, a Sociedade 9 de Julho, a Sociedade Esperança e o Centro de Tradições Gaúchas. Cada clube social tem sua importância histórica, porém alguns não se mantêm ativos.

A Sociedade 9 de Julho foi fundada em 27 de setembro de 1961, estando localizada no bairro Rincão. Segundo o jornal Folha da Serra (1968, n. 96, p. 5), após sete anos de sua fundação, “seu presidente Galego promete uma nova e confortável sede para a sociedade”. Sociedade que se apresenta por sua versatilidade nos eventos até os dias atuais.

O jornal Folha da Serra (1968, n. 96, p. 5) traz a seguinte matéria: “as quatro noites foram repletas de alegria naquela sociedade, onde os foliões divertiram-se e, quando se anunciou o final da quarta noite, houve quem lamentasse o final da festa do Momo”. A reportagem refere-se ao carnaval que se desenvolve, de forma popular, nesta sociedade. Neste espaço, na década de 1990, ocorria um baile na sexta-feira que antecedia ao Festival do Ronco do Bugio, um espaço onde jovens se encontravam para iniciar as festividades do grande festival da cidade, porém, na atualidade, este evento não ocorre mais. Pelos cartazes de divulgação de eventos atuais, a Sociedade 9 de Julho se torna um espaço bastante versátil e, segundo dados obtidos no site da própria sociedade, o local apresenta shows, bailes tradicionalistas, domingueiras e festas temáticas.

Sabe-se da existência da Sociedade Esperança devido a uma reportagem a respeito do carnaval, escrita no jornal Folha da Serra (1968, n. 11, p. 25), “os escurinhos também não ficaram para trás e demonstraram que são bons no samba, porque só quem assistiu pode ver como brincaram e que maravilha de ritmo marcaram durante as quatro noites”. A reportagem dá a entender de se tratar de uma sociedade frequentada por negros e pode-se entender que ao usar o termo escurinho na reportagem, há preconceito racial, perpassando a ideia de que por serem negros não poderiam se divertir da mesma maneira que os brancos. Atualmente, se encontra no local um espaço residencial e comercial.

A Sociedade Cruzeiro foi fundada em 9 de maio de 1925, pela elite da sociedade serrana. Segundo Teixeira (2002) e Fonseca (2012), sua sede social era na Avenida Júlio de Castilhos, onde hoje se situa a agência do Banrisul e teve como primeiro presidente o Sr. Antônio Mario Kroeff e o secretário Sr. João Parobé de Lucena. Sua nova sede foi inaugurada, de acordo com Fonseca (2012, p. 236), “no

dia 11 de dezembro de 1965 e esta permanece no mesmo endereço até a atualidade. Situa-se na Rua Dr. Frederico Tedesco, nº 1261”.

Atualmente, este espaço é usado para convenções ou festas particulares, onde as pessoas locam o espaço para realizarem seu evento. Neste espaço não mais ocorrem grandes eventos sociais, como Fonseca (2012, p. 232) descreve, “os bailes mais elegantes e vistosos desta sociedade ocorrem aqui”. Fonseca (2012, p. 233) ainda complementa que “a primeira Miss Sociedade Cruzeiro foi eleita em 1937 e a vencedora foi a jovem Zilah Teixeira”.

A Sociedade Cruzeiro também foi palco de bailes de carnaval. O Jornal Folha da Serra (1968, n. 11, p. 25) descreve “como sempre a Sociedade Cruzeiro ponteou o nosso carnaval, com blocos fantasiados magnificamente, fazendo acrobacias ao som de excelente música, local onde os turistas afluíram”. Contrapondo a este tempo, a moradora local Soares²⁶ discorre de maneira saudosa: *“que saudades do carnaval, hoje é bebedeira, perdeu o encanto, perdeu tudo. Na rua, o pessoal gritando, sem nenhuma infraestrutura, nem os bailes na sociedade não ocorrem mais”*.

O distrito Sede já foi palco de inúmeros clubes sociais, que ao longo do tempo foram perdendo seu encanto e, até mesmo, fechando-se para atividades sociais. O que permanece em pleno funcionamento é o Centro de Tradições Gaúchas Rodeio Serrano, o que justifica uma cultura tradicionalista presente neste distrito. Dentre as atividades desenvolvidas por esta entidade, estão o Rodeio Interestadual, com atividades campeiras e artísticas, que ocorrem todos os anos, no primeiro final de semana de dezembro, a manutenção das invernadas artísticas em todas as categorias: mascote, mirim, juvenil e adulta.

A organização da Ronda Crioula, na Semana Farroupilha, com a participação das escolas da Sede e do interior, que trazem seus grupos de danças, bem como, organizam gincanas. Outra atividade também desenvolvida por esta entidade é a Cavalgada de Prendas, que ocorre durante a Semana Farroupilha, desde 1992, sendo São Francisco de Paula pioneira nesta ideia, onde somente mulheres participam da cavalgada que culmina com o desfile na Avenida Júlio de Castilhos. Realiza-se também o Baile da Prenda Jovem, que é o baile de debutante gaúcho, onde as prendas entre 13 e 15 anos são apresentadas à sociedade. Além disso, nos

²⁶ SOARES, Luciana Olga. Entrevista concedida à autora no dia 01 de março de 2018

últimos anos, a organização e apresentação do Festival Ronco do Bugio, que ocorre em São Francisco de Paula, faz parte da programação desta entidade. Este festival apresenta exclusivamente o gênero musical bugio. Há pelo menos duas hipóteses sobre a origem deste gênero musical:

A primeira é de berço serrano e teria mais fiel escudeiro o inesquecível acordeonista de São Francisco de Paula Honeyde Bertussi Siqueira. Segundo ele, o ritmo teria sido originário pelas mãos do gaitero Vergílio Leitão que, no jogo-de-foles e nos baixos de sua gaita de botão, teria imitado o ronco do bicho nos caponetes de cima da serra [...] teria difundido pelas bodegas do Juá, interior de São Chico (SOUZA, 2003, p. 15).

A segunda hipótese é apresentada por Souza (2003, p. 15), que apresenta a versão dada pelo povo de São Francisco de Assis, que diz que “a origem do ritmo e oriunda desta localidade, que por sinal, realizava um festival nativista chamado Querência do Bugio”.

Desconhece-se a verdadeira origem do gênero musical bugio, mas Souza (2003, p. 23) afirma que “João Cincinato Terra, músico atuante, sentiu a necessidade de nosso município acompanhar o movimento, já que neste período se expande por todo o estado do Rio Grande do Sul os festivais nativistas”. O lançamento do primeiro festival do Ronco do Bugio acontece em 1986, no CTG Rodeio Serrano, com a participação de vários representantes da música nativista e da comunidade serrana. Seu lançamento oficial ocorre em 16 de abril de 1986.

O jornal São Chico Tchê (1986, n. 11, p. 6) noticiou que o primeiro Festival do Ronco do Bugio contou com 98 músicas escritas, sendo 24 as selecionadas. O festival ocorreu entre os dias 13 e 15 de maio e Souza (2003, p. 42) descreve que foi apresentado “sob uma lona de circo estaqueada num gramado amador, mas de tantas glórias futebolísticas, o campo do Clube Atlético Serrano”.

A música vencedora do primeiro Ronco do Bugio foi “Levanta Bugio”, defendida pelo cantor e compositor gaúcho Leonardo. Observando fotos, percebe-se que o Ronco do Bugio se deu em uma noite fria de inverno.

O Festival Ronco do Bugio, desde o seu início, premia melhor arranjo, conjunto instrumental, instrumentista, intérprete e a música mais popular. Fatima Gimenez foi a melhor intérprete do primeiro festival, defendendo a música “Pinheiro Gringo”, composição de Erian Fogaça e Laerte Fortes. Novamente, a roupa dos

músicos reforça que, na noite da entrega da premiação, fazia muito frio. A cantora também se apresenta vestindo um chiripa, coberto por um pala.²⁷

Na Figura 11 observamos a fotografia de Gonzaga dos Reis, músico local, sentado com sua gaita, instrumento que lhe deu o prêmio de melhor instrumentista do primeiro Ronco do Bugio. Nesta oportunidade, o cantor, instrumentista e compositor defendeu a música “Bugio da Minha Terra”.

Figura 11 – Gonzaga dos Reis



Fonte: Jornal São Chico Tchê, n. 4, p. 8 (1986).

A composição “Bugio Tirano”, que foi defendida pelo conjunto Os Tiranos de São Francisco de Paula, ganhou o prêmio mais popular.

Para o Jornal São Chico Tchê (1986, n. 11, p. 7), o Festival Ronco do Bugio é “um festival autêntico e original que aconteceu com grande sucesso em São Francisco de Paula”. No encerramento deste grande evento, João Chagas Leite se

²⁷ Chiripa e pala são trajes tipicamente gaúchos. Sendo que o chiripa, atualmente, é uma veste de preferência feminina, este fica enrolado na cintura e vai até os joelhos. “É um pano inteiro passado entre as pernas, primeiro de trás para frente e, depois, de frente para trás, pode ser de lã ou liso” (ABREU, 2003, p. 67). O pala é uma peça retangular, com franjas nos quatro lados e listras no sentido do comprimento.

apresenta, segundo o Jornal São Chico Tchê (1986, n. 11, p. 8), “com composições como Corda de Espinho, Orelhano, Pampa, Campo e Querência, Coração de Estudante e Afios”.

O Festival Ronco do Bugio perpassa o tempo, segundo o site da Prefeitura Municipal:

O Festival Ronco do Bugio é um evento musical nativista que acontece anualmente na Cidade de São Francisco de Paula com o intuito de preservar e difundir o único ritmo originário do Rio Grande do Sul, ou seja, o ‘bugio’, compasso criado justamente no interior deste município. Tal criação se deu a partir da criatividade dos gaiteiros serranos que buscaram imitar, com seu instrumento musical, o ronco do primata nos matos da serra. A festividade, agora em sua 26ª edição, é genuína, pois é o único da América onde, obrigatoriamente, os participantes devem utilizar um ritmo somente, isto é, o citado ‘bugio’, embora a temática seja abrangente. Por este motivo é chamado de ‘O Festival Mais Autêntico do Rio Grande’. Além do forte enfoque cultural que envolve toda a comunidade musical do Estado, o Festival tem seu apelo ecológico, pois chama a atenção para a preservação da espécie, hoje quase em extinção. O Ronco do Bugio, por sua importância no cenário cultural rio-grandense, criou uma identidade ao povo de São Francisco de Paula, pois junto ao evento está intrínseco e vem à tona o histórico da criação do município, caracterizado pela forte influência dos antigos tropeiros, desbravadores e povoadores desta parte do país (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, 2017).

No mesmo documento, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula, observam-se algumas informações a respeito da realização do festival no ano de 2017:

Art. 1º - O 26º Ronco do Bugio realizar-se-á no município de São Francisco de Paula, nos dias 01 e 02 de setembro de 2017.

Art. 2º - a festividade agora em sua 26ª edição, é genuína, pois é a única na América Latina, com promoção da Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula e do CTG Rodeio Serrano, com apoio de órgãos públicos e iniciativa privada.

Art. 3º - São objetivos do 26º Ronco do Bugio:

- a) valorizar a tradição, arte, cultura e a autêntica música regionalista gaúcha, através do seu ritmo mais original;
- b) prestigiar autores, compositores, intérpretes e conjuntos regionalistas e incentivar o surgimento de novos valores;
- c) divulgar a música regional gaúcha;
- d) valorizar a relevante posição na formação de usos e costumes, caracteres e valores espirituais e morais do gaúcho;
- e) promover e incentivar a cultura gaúcha projetando São Francisco de Paula na maneira mais autêntica no cenário do turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, 2017).

Como é possível observar no artigo 4º: “A organização do 26º Ronco do Bugio ficará a cargo da Comissão Organizadora, composta por membros da Prefeitura Municipal e do CTG Rodeio Serrano” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO

FRANCISCO DE PAULA, 2017). Devido à importância identitária do festival para o município, ao se chegar à cidade, na década de 90 se encontrava o seguinte *outdoor*.

Figura 12 – Outdoor entrada da cidade na ERS-020



Fonte: Souza (2003, p. 17).

Assim como o título de “Capital Mundial do Bugio”, São Francisco de Paula “já obteve vários slogans, dentre eles o de São Chico é terra boa” (TEIXEIRA, 2002, p. 149-150).

Mesmo ocorrendo inferências externas, advindas com pessoas que trouxeram consigo uma identidade diferente, Soares²⁸, em entrevista, afirma: “*São Chico é identificada pela cultura tradicionalista gaúcha, a cuiá em frente ao antigo prédio da prefeitura, demonstra o símbolo da hospitalidade de nosso povo*”. A permanência ativa do CTG Rodeio Serrano, na sede é outro indicativo forte da presente identidade, ligada as atividades do homem do campo. Outro fato observado é a constante prática do laço de vaca parada²⁹ por jovens e crianças, nos pátios de suas residências, bem como, cavalarianos (homens, mulheres, jovens e crianças) na

²⁸ SOARES, Luciana Olga. Entrevista concedida à autora no dia 01 de março de 2018

²⁹ **Vaca parada**: uma espécie de cavalete de madeira com aspectos de uma vaca, usada por crianças que estão iniciando neste esporte, bem como, usado como forma de entretenimento para jovens e adultos.

avenida principal, cavalgando entre os carros. Ainda se percebe o respeito entre motoristas de automotivos, bicicletas e os cavalarianos, todos ocupando o mesmo espaço.

4.2 DISTRITO DE CAZUZA FERREIRA

O distrito de Cazuzza Ferreira foi criado em 07 de janeiro de 1903, estando situado a 85 quilômetros da Sede. Andrade comenta em entrevista³⁰: “até acho que Cazuzza se desenvolveu primeiro que São Chico”³¹, visto que a criação do distrito acontece dias depois da emancipação, enquanto a criação da vila do distrito de Cazuzza Ferreira se desenvolve, segundo a entrevistada:

A parte da História que eu sei, é que houve a chegada de um Sr. Chico Mestre, é como eles chamavam. Esse Sr. veio, as casas eram distantes umas das outras e ele começou a fazer oração nas casas e reunir as pessoas e fundou o cemitério. Então o José Ferreira de Castilhos que era dono daqui naquela época, um dos moradores que tinha bastante terra, doou a terra para fazer a vila, aí o que aconteceu, segundo as histórias era para ser ali onde é a cancha de laço hoje, do outro lado da estrada, só que o terreno não era apropriado, então houve uma permuta com o Sr. que era dono deste terreno aqui, era Bossle, aqui era bem mais alto e mais plano. Então se construiu a Igreja e iniciou o povoamento da vila.³²

A moradora Basso ainda acrescenta que “a vila foi sempre mais ou menos o que ela é hoje”. Ao observar o local pode-se perceber uma grande praça ao centro, rodeada de casas de comércio, posto de combustível, posto de saúde, o hotel, a Igreja Matriz juntamente com o salão paroquial e casas residências, cujo aspecto impressiona por a grande maioria das casas apresentam uma arquitetura que perpassa o tempo. A Figura 13 apresenta uma imagem da praça central, tirada das escadarias da Igreja Matriz.

³⁰ ANDRADE, Nauro Bossle de. Entrevista concedida à autora no dia 04 de março de 2018.

³¹ Primeiro que São Chico é um termo comum usado, pelos moradores do interior do município de São Francisco de Paula, que ao se referir a Sede do município, usam o termo São Chico ou São Francisco de Paula, pois seus moradores não costumam, na atualidade, dizer: ‘vou a Sede’, e sim, ‘vou a São Chico’, como se eles não morassem no município.

³² BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevista concedida à autora no dia 04 de agosto de 2018.

Figura 13 – Praça Central de Cazuza Ferreira



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Apesar de ter a preservação arquitetônica, a moradora Basso declara:

O pai contava e outras pessoas contam que teve uma época que tinha fábrica de tamanca³³, já teve fábrica de guaraná, de queijo, bastante coisa no sentido de selaria, mas tudo foi se extinguindo, as pessoas, as famílias não deram continuidade e se sumiram, não existe mais nada disso, mas estas fábricas não davam renda, ou seja, trabalho para pessoas de fora, pois elas eram administradas e cuidadas pelas famílias. Daí houve o período das serrarias, enquanto pode extrair madeira, era o forte, a vila movimentada, enriqueceram alguns comerciantes locais, o momento que extinguiu aquele trabalho, eles foram embora e o povo daqui acomodou, então hoje a vila tem bastante pessoas que foram embora trabalhar, assim na juventude e hoje aposentados voltaram, pois aqui, para jovem, não tem sobrevivência, o único trabalho é na escola, tem nove professores e uma funcionária, em alguns funcionários da prefeitura, acho que são seis, que cuidam do plantel de máquinas, a enfermeira e o pessoal que cuida do posto do correio, também tem a ferraria, mas ali é só os da própria família, então o jovem acaba tendo que ir embora.³⁴

Os entrevistados Basso e Andrade relatam que, apesar das adversidades, o povo de Cazuza Ferreira tem um amor pelas suas tradições, mantendo vivos três aspectos que ambos consideram a marca identitária de seu povo e afirmam com

³³ **Tamanca**: calçado comum na região, solado de madeira, com uma proteção sobre as pontas dos dedos, indo até o peito do pé em couro.

³⁴ BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevista concedida à autora no dia 04 de agosto de 2018.

convicção “*falar de Cazuzza é cavalhada, hotel e rodeio*”, enquanto Basso acrescenta que “*as cavalhadas são herança dos portugueses e estão espalhadíssimas, até nacionalmente através da mídia, porque não pesquisei, mas até onde sei, no Rio Grande do Sul, só tem aqui*”.

Na comunidade, ainda segundo Basso, “*a apresentação das cavalhadas se iniciou por volta de 1890 e permanece ativa até hoje; no passado existiam três cavalhadas, as dos brancos, dos amarelos e dos negros*”, acrescentando, “*mas hoje não há mas essa diferenciação*”. Em polígrafo organizado por uma moradora local, a mesma explica que a cavalhada “*é uma luta simulada em que há vinte e quatro participantes, sendo doze de cada equipe*”³⁵, por meio da evolução equestre e movimentos de espada, lança e garrucha, representando a batalha entre mouros e cristãos. Segundo esta moradora, “*a batalha sempre termina sendo vencida pelos cristãos, demonstrando a submissão dos mouros e a supremacia da religião cristã*”. Atualmente, o grupo depende da boa vontade de seus participantes, conforme explica:

*Hoje se tornou caro, é exame dos cavalos, transporte, depende do querer das pessoas, da boa vontade e tem pessoas engajadas, que não largam, a família do Renau, que ele é o presidente do grupo, ele tem um amor tão grande pelas cavalhadas, porque ele já recebeu do pai dele, do teu avô e do seu Ivo Cardoso, e a vida dele, às vezes me desgosto de alguma coisa, pois faço a narrativa do que está sendo apresentado, mas daí eu penso, não posso abandonar (sorri). É uma tradição que não pode morrer, mas os filhos do Renau, o Marcos e o Marcelo, darão continuidade, faz parte da família, tu sabe, é da mesma família. É uma grande tradição que não pode desaparecer, temos que continuar peleando.*³⁶

As cavalhadas são apresentadas na praça central, sempre durante as festas religiosas que acontecem na comunidade, sendo assim organizadas:

No primeiro ou segundo final de semana de fevereiro, tem a festa da Nossa Senhora do Belo Horizonte, que é a padroeira daqui. Agora, devido à comissão e o padre, um ano tem a festa dos morenos e no outro tem a dos agricultores, que eram chamados de amarelos antigamente, cuja, devoção se dá à Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Penha. Antigamente cada um tinha seu espaço social para realizar a festa, atualmente só se manteve a tradição de comemorar os santos, este ano, é festa dos morenos, ela será dia 13 e 14 de outubro. Todas as festas

³⁵ Sendo que doze cavaleiros, que representam os cristãos, vestem túnicas de veludo azul escuro e os doze cavaleiros mouros vestem túnicas vermelhas. Sobre os ombros da túnica há uma capinha, esta capinha traz enfeites prateados, bordados com lantejoulas e botões dourados e franjas de seda branca. Todos os participantes usam bombacha branca de brim, botas campeiras pretas, chapéu de palha, de aba larga virada para cima, com laço de fita e barbicacho de acordo com a cor da túnica.

³⁶ BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevista concedida à autora no dia 04 de agosto de 2018.

religiosas ocorrem em dois dias: sábado, apresentação das cavalhadas, novena, janta e baile; no domingo tem a missa na Igreja Matriz, logo após almoço e reunião dançante. Atualmente, resgataram, em dezembro, a festa a São Cristóvão, sempre no primeiro final de semana de dezembro, é uma missa, com benção aos carros durante a procissão e um almoço ao meio-dia, esta se dá somente em um dia. E também temos, de dois em dois anos, a festa organizada pelo grupo das Cavalhadas, esta ocorre em maio daí.³⁷

Os moradores explicam que a separação racial desapareceu com o tempo, porém se mantém a cultura de festejar todos os santos, o que demonstra que o povo de Cazusa é bastante devoto e cristão. E acrescenta em tempos idos que, durante as festas religiosas, as pessoas se hospedavam no hotel, segundo Basso, que “*ele recebia, tinha mercado junto, teve até cinema, o pessoal gostava da comida da Dona Vilma, que era minha sogra*”. Este hotel é outro marco que identifica Cazusa Ferreira, porém os moradores explicam que atualmente o Hotel do Campo mantém a arquitetura, mas funciona em uma modalidade diferenciada, pois não há como sobreviver. Então, ele recebe, hospeda, sob reserva antecipada, porém, não serve almoço e janta, as refeições são feitas no Cantinho do Aconchego, com quem mantém uma parceria.

Figura 14 – Hotel do Campo



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

³⁷ BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevista concedida à autora no dia 04 de agosto de 2018.

Nesta comunidade, também é muito forte, segundo os entrevistados³⁸, a tradição gaúcha, que advém do homem do campo, o amante dos rodeios, que nos finais de semana saem de suas propriedades e se deslocam a outras comunidades para participar dos eventos campeiros, como o tiro de laço. Também explanam que existe o CTG Adão Castilhos, que está interdito, já faz quase seis anos, desde que começaram a ser exigidos os PPCIs. A partir deste momento, eles não puderam mais fazer eventos ali; eles realizam os rodeios ou festas campeiras, mas lá dentro não conseguiram mais fazer nada e tá difícil, vai muito dinheiro para cumprir todas as exigências. Sendo que este espaço, na década de 80 do século XX, foi palco de grandes rodeios, com apresentações campeiras, artísticas e grandes bailes. A moradora explica³⁹: “*A Claudiana, esposa do Paulo Cesar, atual presidente, se inscreveu no projeto Meu Galpão de Cara Nova, do Galpão Crioulo, da RBS TV, tomara que ela seja classificada*”. Este projeto ajuda na reconstrução dos CTGs pelo Rio Grande do Sul.

Ao pesquisar sobre Cazuzza Ferreira percebe-se o quão forte é o culto às tradições e o esforço de seus moradores para elas permaneçam para futuras gerações, visto que o tempo passou e a tradição local não sofreu alterações.

4.3 DISTRITO DE TAINHAS

O distrito de Tainhas foi criado em 18 de outubro de 1922, estando situado a 33 quilômetros da Sede. Se desenvolveu no entroncamento de duas rodovias, a RS-020 e a RS-453, cujas rodovias cortavam a vila do distrito. Com o advento da construção da Rota do Sol, importante rodovia que hoje que liga Caxias do Sul às praias, além da construção do asfalto da RS-020, que vai a São Francisco de Paula, tudo mudou. O morador Fagundes relata, em entrevista⁴⁰: “*aqui era mais habitado por criadores, fazendeiros e agora depois que saiu essa Rota do Sol, o movimento cresceu muito né, mais por fora da vila, então não trouxe benefício para nós*”.

Percebe-se que moradores entendem a importância da construção das rodovias, porém as mesmas não trouxeram benefícios econômicos para os moradores locais.

³⁸ ANDRADE, Nauro Bossle de; BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevistas concedidas à autora no dia 04 de agosto de 2018.

³⁹ BASSO, Célia Pacheco Terres. Entrevista concedida à autora dia 04 de agosto de 2018.

⁴⁰ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

Ainda conforme o morador Fagundes⁴¹, “o início da vila se deu devido à necessidade de parada dos caminhoneiros, que transportavam madeira, como era tudo estrada de chão, Tainhas ficava em local centralizado, se construiu um hotel que era do seu Pedro Pinhão e da Dona Luisa”. A partir de então, começou a construção de casas e se formou a vila, onde antes eram terras dos Pinto, os primeiros moradores de Tainhas, tanto que o morador ressalta na entrevista⁴²: “o nome da escola é Olímpio Soares Pinto, que era o proprietário dessa terra e uma das professoras mais antigas era Guilherma Pinto”.

Tainhas está rodeada por campos, matos de pinus ilhote e lavouras atualmente e explica:

Hoje aqui é pinus e granjeiro, plantando batata, soja, milho e a maioria veio de fora, os moradores antigos desapareceram, arrendaram ou venderam suas terras para esse pessoal que veio de Ibiraiara e de Maquiné, Itati, Três Forquilhas.⁴³

Percebe-se que a criação de gado, ou seja, a pecuária extensiva, deu lugar a outras culturas, com a chegada de novas pessoas ao distrito. Mas, segundo os moradores, o culto ao tradicionalismo gaúcho permanece, visto que no distrito existe:

O parque de rodeios, do Rodeio Crioulo é o mais antigo que nós temos aqui, não sei se não o primeiro piquete registrado de São Chico, tem uns sessenta anos, a nossa tradição é o laço. O nosso rodeio acontece sempre no início de janeiro, hoje eu não laço mais, mas o meu neto continua a minha tradição. A escola daqui faz a semana farroupilha, com ronda, é tudo muito lindo, e, assim, se mantém a cultura⁴⁴.

A imagem apresentada na Figura 15 reforça a fala e a importância do Piquete de Laçadores Rodeio Crioulo, que atualmente, mesmo estando nas terras de São Francisco de Paula, divisa com o município de Cambará do Sul, por opção essa entidade tradicionalista pertence ao então município de Cambará do Sul. Porém, sua fundação acontece em 20 de janeiro de 1961, quando o então hoje município de Cambará do Sul ainda era distrito de São Francisco de Paula.

⁴¹ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

⁴² FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

⁴³ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

⁴⁴ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

Figura 15 – Flâmula de comemoração aos 50 anos da entidade



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Outro evento importante no distrito é realizado pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Olímpio Soares Pinto, que são atividades ligadas as tradições gaúchas, na Semana Farroupilha, como cavalgadas e gincanas com a participação de toda comunidade, nesta semana, principalmente a comunidade de Tainhas “respira tradicionalismo”.

O distrito de Tainhas atualmente conta com um posto de saúde e o correio, são os serviços públicos que funcionam no distrito, visto que o cartório fechou. O entrevistado Fagundes relata⁴⁵: *“eu era o juiz de paz desse Cartório, minha função era julgar os casamentos, mas daí fechou, hoje o pessoal tem que ir a São Chico”*. O morador ainda acrescenta: *“até a rodoviária fechou, os ônibus passam aqui, São Marcos, que vem de Caxias e vão a Torres, desce de manhã e sobe de tarde; Citral, de São Chico a Ouro Verde, e, agora Transneves, da Pedra Lisa para São Chico”*.

Com uma certa tristeza relata⁴⁶: *“aqui em Tainhas só tem o Café Tainhas, do Mauro, é o brilho de Tainhas, será ponto histórico daqui um tempo, todo mundo fala bem do Café Tainhas”*.

Notoriamente, a chegada do asfalto modificou a vida das pessoas neste distrito, visto que, que os campos foram em boa parte transformados em lavoura, se

⁴⁵ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

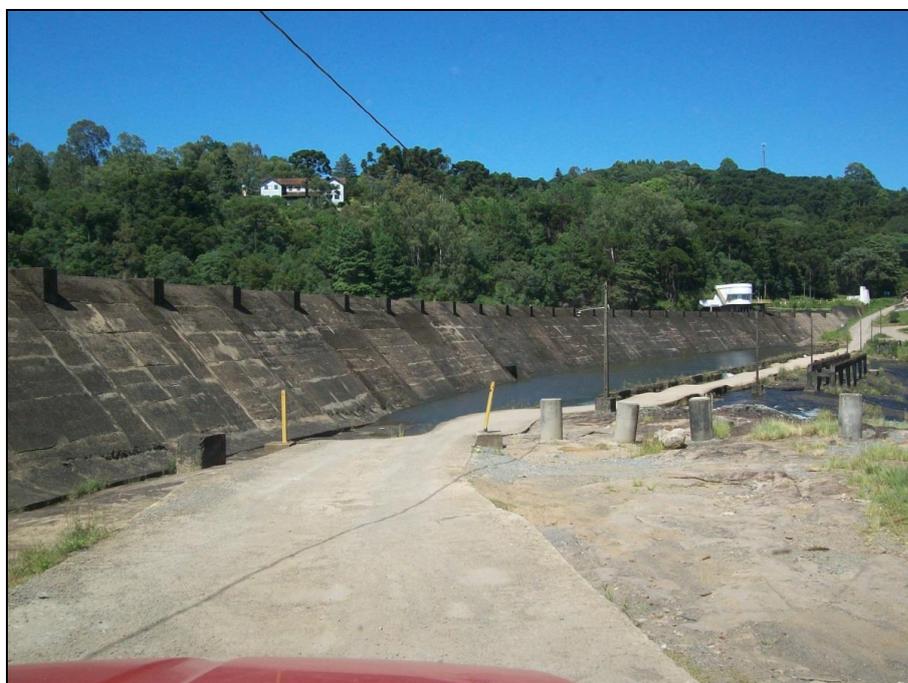
⁴⁶ FAGUNDES, Darci da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 24 de fevereiro de 2018.

percebe uma vila pacata, já que todo o movimento foi desviado por fora da vila e a mesma não proporciona lazer para as pessoas, que ao terminarem o ensino fundamental, para continuar seus estudos, precisam fazer uso do transporte escolar e se deslocar até a Sede ou ir ao município de Cambará do Sul.

4.4 DISTRITO DE ELETRA

O distrito de Eletra foi criado em 31 de dezembro de 1932, estando situado a 19 quilômetros da Sede do município. Porém, a população local chama de Salto e seu nome vem das barragens do Salto, Blang e Divisa, construídas sobre o Rio do Salto, que atravessa o distrito. Segundo a moradora local⁴⁷ Soares, “*as barragens que fornecem água para as usinas no município de São Francisco de Paula e nos municípios vizinhos de Canela, Gramado e Cambará do Sul*”. A Figura 16 apresenta uma imagem da Barragem do Salto, barragem esta que se situa próxima da vila do distrito.

Figura 16 – Barragem do Salto



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Ao observarmos a Figura 16, percebe-se que o acesso da vila para o interior do distrito acontece por uma ponte de concreto, estreita com piso bastante irregular

⁴⁷ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

e que, em períodos de fortes chuvas, o acesso fica interrompido devido à altura. Porém, ao lado direito, percebe-se uma estrutura pequena que, segundo o morador Gomes:

Foi uma tentativa, de uma empresa japonesa, construir uma ponte, só que quando estavam construindo deu uma enchente e levou tudo a água abaixo, a empresa foi embora e nunca mais voltou. Já foram feitos estudos que a ponte tem que ser construída mais para baixo e em forma de arco, se não a chuva leva de novo, porém, não acredito que saia algum dia.⁴⁸

Entende-se que a construção desta nova ponte, melhoraria o acesso dos proprietários rurais, que, para saírem de suas propriedades, em épocas de chuva intensa, necessitam fazer um longo caminho por estradas de chão batido para terem acesso ao município de Canela, bem como a Sede de São Francisco de Paula.

Contudo, a moradora explica que a vila do distrito se forma muito antes da construção da barragem:

Em 1915 era uma fazenda, chamada Fazenda do Salto, e esta pertencia a Francisco Soares de Oliveira. Neste local, havia sua casa de moradia, um galpão e mangueiras onde realizava as suas atividades, porém, em 1916, o Chico resolveu transferir a casa da Fazenda do Cerro para o Salto também, sendo construída aí a segunda casa, a partir de então se iniciou o povoado com a construção de novas residências para seus empregados e, posteriormente, se instalou uma serraria, dos irmãos Delavechia, esta sendo movida a água, dando definitivamente o início do povoamento da vila.⁴⁹

Ao analisar a fala da moradora local, se percebe que onde hoje se encontra a vila do distrito de Eletra já foi uma fazenda, identificando-se com a mesma formação do distrito Sede, que também surge de terras doadas por um fazendeiro. Segundo a entrevistada Soares,⁵⁰ “a sua casa é uma das mais antigas, tem 102 anos, foi construída de pinheiro, serrada aqui mesmo na serraria”, pode-se observar o ótimo estado de conservação da casa, que traz traços arquitetônicos europeus na sua construção, não se tem imagem da casa, visto que a entrevistada não permitiu nenhuma imagem de sua residência.

Outro fator importante do povoamento da vila, segundo o morador local Gomes⁵¹, “foi o início da construção da Barragem do Salto no ano de 1925”, onde

⁴⁸ GOMES, Jaures Feijó. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁴⁹ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵⁰ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵¹ GOMES, Jaures Feijó. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

vieram muitos funcionários, de vários lugares, tendo como mestre da obra, segundo os moradores locais⁵², o “Ângelo Goubert”.

Devido à necessidade que se formou no distrito neste período se abriu um hotel, farmácia, cartório, rodoviária e cinema, a moradora local Soares, saudosa, diz⁵³: “*tudo fechou, aqui não tem mais nada*”, referindo-se a atual situação que a vila se encontra.

Os moradores ainda declaram sobre o distrito⁵⁴: “*está abandonado pelo poder público, até o calçamento das ruas foi arrancado*”, porém outrora foi um local de muita alegria:

*A vida era uma festa permanente, o tio Chico era casado com a tia Lisoca, ela foi para Porto Alegre para os filhos estudar, quando vinham nas férias, traziam os amigos. O tio Chico pagava um gaitero por mês, para ele toca toda noite, então, era aquele divertimento.*⁵⁵

Atualmente, na vila, existe a Escola Estadual de Ensino Fundamental Cristino Ramos, com menos de cem alunos e a festa cristã, cuja celebração ocorre em fevereiro, sendo Santo Antônio o padroeiro local. A moradora explica sobre a construção da capela:

*A primeira capela a tempestade derrubou em 1957, se construiu outra. O santo padroeiro é Santo Antônio, a imagem foi trazida por quarenta cavaleiros. Daí o padre pediu para que a imagem de Nossa Senhora Catarina também fosse acolhida, hoje temos dois padroeiros, mas para mim Santo Antônio é o principal.*⁵⁶

Percebe-se, na fala dos moradores, a sua devoção e sua preocupação com o futuro da vila, visto que até a questão do cemitério já foi palco de discussão, pois o cemitério da vila iniciou pela família dos Soares, sendo este particular. Porém, a moradora explica, com certa indignação:

O cemitério era particular, da família Soares, teve um tempo que resolveram abrir, veio gente até de Passo Fundo ser enterrada aqui, não pediam para ninguém, tomaram conta. Daí organizamos uma comissão responsável, decidimos que tinha que ter uma contribuição e não podia trazer gente de fora para enterrar, só gente daqui. Ninguém pagou. Aí mandei fazer cerca nova, a parte dos Soares sempre limpei, mas [...] hoje acabo limpando tudo,

⁵² GOMES, Jaures Feijó; SOARES, Susana Marques. Entrevistas concedidas à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵³ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵⁴ GOMES, Jaures Feijó; SOARES, Susana Marques. Entrevistas concedidas à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵⁵ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵⁶ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

*porque ninguém limpa. Enquanto eu for viva, vou fazer, depois vão entregar para a prefeitura, igreja, não sei.*⁵⁷

A Figura 17 apresenta uma foto da igreja atual, tendo em sua lateral direita a capela mortuária e, ao fundo, o Salão Paroquial da comunidade, onde ocorre a festa do Santo Padroeiro.

Figura 17 – Igreja Santo Antônio – Distrito de Eletra



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Ao conversar com os moradores locais, pode-se observar a fé cristã, porém ambos relatam que a festa de fevereiro atualmente é pouco divulgada, motivo pelo qual acreditam que não haja um número expressivo de pessoas. Ambos sentem um apreço pelo local onde nasceram e vivem, porém, ambos relatam:

*Aqui é lugar de dormir, as pessoas trabalham em Canela e vem dormir aqui, a grande maioria não é daqui, vieram de fora, há muitas casas de veraneio, tudo gente de Porto Alegre, que vem passar férias, não rende nada para aqui, o que precisam trazem tudo de fora. A maioria de quem mora aqui, só dorme, passa o dia fora. O ônibus das 7 horas sai lotado, a gente não conhece mais ninguém, daqui mesmo só nós, Susana e eu.*⁵⁸

Mesmo a vila sendo um local de parada, está rodeada de lindos campos e fazendas, cuja, a atividade principal é a pecuária extensiva, não proporciona

⁵⁷ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁵⁸ GOMES, Jaures Feijó. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

trabalho no local, motivo pelo qual seus moradores buscam sua subsistência em outro município, porém possui uma exuberante natureza, relata, cheia de esperança, a moradora local⁵⁹: “*eu tenho esperança que alguém olhe para cá e veja as belezas que tem aqui, que o lugar volte a se desenvolver*”, desenvolvimento este, que poderia vir através da exploração do turismo rural. “*Se você quiser comer alguma coisa agora, não vai encontrar nada, aqui só tem ‘buteco’⁶⁰, mas eles não vendem nada, nem sanduíche, pastel, é uma vergonha*”, fala indignado o morador Gomes⁶¹.

A população que vive nas fazendas, além de ter as lides campeiras no seu dia-a-dia, nos finais de semana, segundo o morador Gomes⁶²: “*laça em torneio, vai nos rodeios*”, o que marca a presença do tradicionalismo gaúcho, em uma parte da população do distrito, porém, com relação aos moradores da vila, não há algo que os identifique, visto a miscigenação que ocorreu e por haver muitas casas de veraneio no local.

4.5 DISTRITO DO JUÁ

O distrito do Juá foi criado em 10 de maio de 1950 e fica distante 65 quilômetros da Sede. O distrito recebe esse nome devido a um espinho que havia em abundância no local, nome este dado por tropeiros:

Os açorianos, que vinham de Santo Antônio da Patrulha e iam para Vacaria, com cargueiros, eles vinham fazer repouso lá em cima, no reduto, e ali tinha muita frutinha do juá, então os tropeiros saiam de Santo Antônio e diziam vamos posa lá nos juá, daí o nome do lugar, que permanece até hoje.⁶³

Juá é o nome dado a um espinho muito comum na região dos campos de cima da serra, que dá uma fruta amarela em formato redondo, que, segundo os moradores locais, é uma fruta venenosa, conforme se observa na Figura 18.

⁵⁹ SOARES, Susana Marques. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁶⁰ **Buteco**: pequeno comércio que normalmente vende bebidas alcoólicas e possui mesa de sinuca.

⁶¹ GOMES, Jaures Feijó. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁶² GOMES, Jaures Feijó. Entrevista concedida à autora no dia 15 de fevereiro de 2018.

⁶³ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

Figura 18 – Pé com a fruta conhecido como Juá



Fonte: acervo de Clessandra Palhano (moradora local) (2018).

O reduto citado pelo morador local ficava em uma fazenda, local onde hoje se encontra a vila do distrito, conforme o entrevistado Reis explica:

O primeiro morador eu não lembro, só sei que o Juá era de pouca gente, família Pedroso e Castilhos, daí foram morrendo, inventariando e vendendo e aos poucos se formou a vila, importante o dono de tudo isso aí, tinha dois escravos, no início teve escravidão, claro na época de mil oitocentos e pouco eu acho, mas teve. E hoje deve ter descendente destes escravos por aí.⁶⁴

Escravidão que vai dar origem ao preconceito racial e a um modelo particular da localidade, que, sem precisar data, explica o morador:

Aqui tinha dois salão, três com o da Igreja, mas era dois salão social. Era um clube de brancos, que era dos ricos, né, fazendeiros, o Salão Vera Cruz e depois fundaram o São Valentim que era dos morenos, que na época até eu fui presidente. Cada um no seu salão, agora quando dava a festa cristã, em homenagem ao São João de Deus, todo o povo reunia-se, quando chegava de noite no sábado, no baile, então, cada um ia pro seu salão. A música ficava no salão dos brancos, daí colocava umas caixas de som, lá pros morenos com um fio, pra eles dança. Um não podia entra no baile do outro, tinha o presidente para cuida. Cada um no seu, tudo se respeitava e obedecia aquela ordem.⁶⁵

Ainda acrescenta a moradora local, Santos:

⁶⁴ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁶⁵ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

*O nosso eu não me lembro o nome, tem tanto papel, mas não sei onde está, o nosso dos pretos né, ninguém implicava, eles não deixavam nós entra no salão Vera Cruz, eu entrava de cozinheira, empregada, porque ali era lugar dos ricos, eles podiam se associar, mas o nosso também enchia, mas eles iam no nosso baile de nego, só olhavam. As festas duravam dias. Tinha aquele foguetório, era tão bonito.*⁶⁶

Percebe-se na fala dos moradores como esta divisão racial se fazia presente, que havia por parte dos negros um profundo respeito pelos brancos, mesmo eles tendo acesso ao salão Vera Cruz somente para servi-los, em nenhum momento se percebeu que eles se sentissem diminuídos pela situação, até pela cultura que advinha desde os primeiros moradores locais.

Esta divisão social permanece por longo tempo e somente vai desaparecer nos anos 80 do século XX, com a contribuição do Frei Abílio que veio da Vacaria, durante Missões, convocadas pelo pároco local, padre Afonso, que conseguiu modificar esta organização implantando a ideia de igualdade e ignorando tudo aquilo, a partir de então, os negros começaram a frequentar a sociedade Vera Cruz, contribuição dos entrevistados⁶⁷ que, ao abordar o assunto, demonstraram repulsa pelo passado, mas, ao mesmo tempo, reconhecem que o racismo ainda é presente na comunidade, porém, devido às leis, existe um cuidado maior.

Atualmente, negros e brancos convivem em harmonia, participam da festa cristã, cujo, padroeiro é São João de Deus e dos torneios de laço, mas geralmente quem laça são os fazendeiros. Saudoso, o morador⁶⁸ afirma que *“uma vez tinha as carreradas, tinha três canchas, passava o domingo, nas canchas, brincando, nas corridas de cavalos, tudo terminou”*. Acrescenta⁶⁹, ainda, que *“em 70, 80 tinha o futebol, o campo era na baixada, acho que tem ainda troféu ai, mas daí a gurizada foi embora para a cidade, terminou o time”*.

A vila se construiu de maneira simples, tendo a Igreja Católica, com o Salão Paroquial à direita, o antigo Centro de Tradições Gaúchas Laço Velho do Juá, onde resta apenas o prédio de madeira, corroída pelo tempo, ao fundo a cancha de laço do Piquete de Laçadores Velho do Juá, entidade tradicionalista que se mantém ativa desde o início da década de 1960, ao redor há casas de moradias que formam ao centro uma grande praça, sem nenhuma infraestrutura, em frente, a esta praça

⁶⁶ SANTOS, Deotildes Palhano dos. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁶⁷ REIS, Orides; SANTOS, Deotildes Palhano. Entrevistas concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁶⁸ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁶⁹ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

perpassa uma rua de chão batido, sendo que a escola da comunidade fica do outro lado, a escola é municipal, se chama Bento Ezídio Rodrigues, atende aproximadamente vinte alunos que estão matriculados nas séries iniciais do ensino fundamental, tendo duas professoras e um funcionário para fazer merenda e limpar o pátio, como se pode observar na Figura 19.

Figura 19 – Praça Vila do Distrito Juá, ao fundo cancha de laço



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

Ambos os entrevistados⁷⁰ explicam que o Juá atualmente é um lugar de idosos aposentados, que outrora as pessoas viviam das roças e da pecuária extensiva, na década de 1980, com o advento da indústria em Caxias do Sul, os jovens abandonaram seu modo de vida e foram buscar novas oportunidades, porém, estes jovens que foram embora, retornam com frequência, não perdendo a sua essência. Relataram que a única fonte de trabalho é ser peão de fazenda, fazendas estas que produzem o queijo serrano ou vendem leite para a Piá⁷¹, sendo que a lavoura é para subsistência. Outra fonte de renda é ser funcionário da serraria, cujo, proprietário é João Egídio, que funciona próximo da vila. Outro fator importante, é a venda de pequenas chácaras, para moradores de Caxias do Sul, que vem aos finais

⁷⁰ REIS, Orides; SANTOS, Deotildes Palhano. Entrevistas concedidas à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁷¹ Piá: Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. Empresa que faz a coleta do leite nas fazendas da região.

de semana descansar na localidade, porém se percebe que estes novos moradores, muitas vezes, não interagem com os moradores locais.

Segundo o morador Reis⁷², “apesar da vinda de pessoas de outros lugares, o Juá não perdeu sua identidade, fala em Juá, lembra pinhão, colheita do pinhão, até há uma crítica que diz na época do pinhão o juazeiro fala grosso”. Ditado que o entrevistado⁷³ reafirma sorrindo: “na época do pinhão o juazeiro fala grosso, claro que é apenas um dito popular, uma maneira de se referir, mas sempre é dito, há aqueles que não gostam”.

Nota-se que a vida na comunidade do Juá se passa de forma tranquila, com poucos moradores, que sua identidade está relacionada à pecuária extensiva, com as lides com o gado, bem como, ao pinhão, uma fruta típica que se desenvolve na Araucária, ou pinheiro nativo como é conhecido na região. O pinhão, seja ele assado, cozido ou paçoca⁷⁴, é muito consumido pelos moradores do interior de São Francisco de Paula, durante o inverno, inclusive como mistura do café da manhã.

4.6 DISTRITO DO RINCÃO DOS KROEFF

O distrito de Rincão dos Kroeff foi criado em 10 de maio de 1950. Fica a 35 quilômetros distante da Sede, porém muito antes de se institucionalizar oficialmente este espaço, moradores locais contam como tudo se iniciou:

Meu avô foi um dos primeiros a vim para cá, ele se chamava Guilherme Faciole, ele nasceu no navio vindo da Itália. Ele contava que teve uma desavença em Caxias e fincou o pé pra cá, pra não acharem ele, que aqui era só mato e na revolução de 35, ele fugia de casa, para não ser levado pelas tropas, os piquetes levavam para combater então ele, sempre dizia, que pousou várias noites embaixo dos peraus da serra do Umbu, para não ser levado. O falecido vovô vivia da caça do porco do mato, tateti, ele fazia charque de porco para ter a carne, ele viveu 106 anos e dizia se não tivesse fumado viveria mais uns dez, isso faz parte da história do Rincão dos Kroeff. Junto teve o falecido Ângelo Menegás que entro aqui na mesma época. Eles são os fundadores do distrito.⁷⁵

O acesso ao distrito Rincão dos Kroeff permanece totalmente pela estrada de chão batido, sendo possível ir ao município de Maquiné, descendo pela serra do Umbu. Porém, muito antes da estrada, a busca de mantimentos e o escoamento da

⁷² REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁷³ REIS, Orides. Entrevista concedida à autora no dia 12 de maio de 2018.

⁷⁴ **Paçoca**: carne de porco moída e frita no azeite ou banha, a qual se acrescenta o pinhão, já cozido e moído.

⁷⁵ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

produção se dava pelos carreiros, visto que não havia abertura de estrada e nem viatura⁷⁶ como os moradores relatam:

Tudo era na tropeada, as tropas que ia para Rolante. Na tropeada, saía um tropeiro na frente e um rês com um cinorro que era a madrinheira da tropa, saía lá pelo Chuvisqueiro e saía lá em Rolante, perdia boi na estrada, ficava semanas boi perdido, às vezes, nem se achava mais, também tinha tropa de porco e tinha as tropeadas de mula puxando milho, feijão, trigo, tudo produzido aqui e levado de cargueiro, carreta era muito pouco, porque não tinha estrada para anda, era só os trilhos, pelo meio dos matos e campos, e se produzia milho era o inverno inteiro, saía tropas e mais tropas, com trinta, quarenta mulas, burros, transportando mantimentos da produção do grão, há também tinha a flor de Pireto, que era lucro, ninguém conhece isso aí, hoje, essa flor era levada para Taquara e fazia veneno para formiga, tudo que era tipo de veneno, era uma flor muito tóxica. Acredita tropear galinha, pois é, a gente criava bastante, saía com os cargueiros, como era a vida, eles faziam um girau no cesto, naqueles balaies, para fazer duas camas, uma mais em cima e outra em baixo, daí quando era verão, era muito quente, tinha que no meio da viagem tirar de dentro do cesto, botar na água, na sanga, para não morrer, até chegar no mercado, dali para praia, a época que mais vendia era novembro e dezembro, daí tinha preço bom, tudo criada solta, aviário nem se falava.⁷⁷

Ao ouvir os moradores, se percebe que a construção do distrito aconteceu devido ao esforço e trabalho de muitas pessoas, visto que o local era de mata nativa densa e precisou ser desmatado para ser ocupado pelas pessoas. Explica o entrevistado Faciole⁷⁸: *“para fazer uma lavoura também precisava derrubar o pinheiro, seu Onorino Buffon me contou, que faziam fogo ao redor do pinheiro, eles eram muito grosso, para derrubar a machado, então faziam fogo secavam para depois fazer a roça”*. E a moradora⁷⁹ local acrescenta: *“aqui também tinha os barbacuazeiros, produziam erva, mais aqui eles só tiravam a erva e sapecavam e depois ia para outro lugar industrializa, tudo era diferente”*.

Porém, segundo os moradores, este modelo de vida rudimentar, se modifica com a chegada das serrarias, sendo que a dos Kroeff foi a primeira, juntamente com a serraria se viu a necessidade da construção de novas casas para os trabalhadores, surgindo ali a vila do distrito Rincão dos Kroeff, no início a serraria era tudo manual, relata Faciole⁸⁰: *“a única forma de tira a madeira, era com um enfieira*

⁷⁶ **Viatura**: se refere a carro de passeio, caminhões.

⁷⁷ FACIOLE, Reinaldo. FACIOLE, Maria Madalena Scalco. Entrevistas concedidas à autora no dia 18 de março de 2018.

⁷⁸ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁷⁹ FACIOLE, Maria Madalena Scalco. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁸⁰ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

de boi, eu cheguei a ver cinco ternos de boi carreiro⁸¹ emendado, puxando um pinheiro, é uma bicheira de boi, não tinha outra forma”.

Rincão dos Kroeff é o menor distrito de São Francisco de Paula, porém, em suas terras se desenvolveu a cultura dos hortifrutigranjeiros, desde muito cedo, já que sua colonização é basicamente italiana e alemã, e os italianos têm a cultura do plantio visando lucro. A moradora Faciole⁸² afirma: *“tudo começou por aqui, depois se expandiu para o município, começamos com moranga branca, depois repolho, couve, brócolis, alface e daí veio beterraba e tudo o resto”.* Acrescenta ainda⁸³ que *“daqui saíram os primeiros caminhões de hortifrúti do município para a Ceasa, teve época de sair quarenta caminhões por dia do Rincão, hoje não sai mais porque muitos foram buscar novos lugares para plantar”.* E, juntamente com a mudança dos proprietários em busca de novas terras, muitos de seus funcionários foram embora junto, afirma, em entrevista, o morador local⁸⁴: *“muita gente do Rincão foi embora, muitas gurias foram embora para estudar, para achar emprego e não voltaram mais”.*

Através da fala da moradora, pode-se observar que, apesar do distrito ser produtivo, enfrenta algumas dificuldades com relação ao estudo de seus moradores, que, para continuarem seus estudos, se assim o desejarem, necessitam abandonar seus pais e ir em busca na Sede ou arredores, visto que no distrito existe uma única escola, Gastã Henth. Esta é municipal e atende dos quatro anos ao nono ano do ensino fundamental. A moradora Faciole explica:

O colégio hoje tem 99 alunos ao total, quando eles terminam o nono ano, alguns vão estudar, mas são pouquíssimos, os outros ficam por aí mesmo, não tem um transporte que leve eles para fazer o ensino médio na Sede, que seria a escola de ensino médio mais próximo, se quiser estudar vai ter que ir embora, reforça, quem e trabalhador fica trabalhando com os pais, quem não é [...]. As pessoas na sua grande maioria só tem o ensino fundamental aqui.⁸⁵

Este é um dos grandes problemas enfrentados pelos moradores do Rincão dos Kroeff, a possibilidade de continuar estudando. A escola que lá existe, os moradores locais não sabem precisar a data, mas sabem que foi durante o mandato

⁸¹ **Ternos de boi carreiro:** significam várias duplas de bois cangados e ligados por um pedaço de madeira que vão na canga, entre a dupla de bois. Esse pau roliço na região se chama de cambão.

⁸² FACIOLE, Maria Madalena Scalco. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁸³ FACIOLE, Maria Madalena Scalco. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁸⁴ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

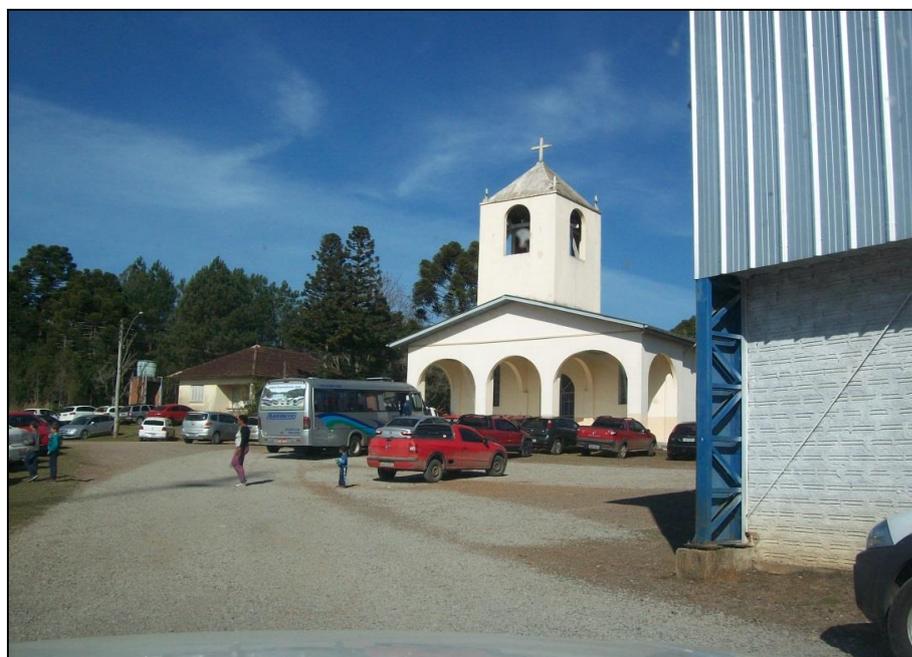
⁸⁵ FACIOLE, Maria Madalena Scalco. Entrevista concedida à autora no dia 18 de maio de 2018.

do prefeito Escobar (1977-1982) que ela foi construída. Neste contexto, aparece também a dificuldade de se locomover fazendo uso do transporte público:

Há sete anos atrás o Rincão estava bom mesmo, tinha ônibus da praia, às vezes passava quatro a cinco ônibus da praia, tudo pela serra do Umbu. Agora só tem um, três dias por semana. As empresas deixaram de trafegar por aqui, elas não vão descer numa serra de chão batido, sendo que tem a outra⁸⁶ com asfalto.⁸⁷

Os moradores se orgulham da festa religiosa que acontece todos os anos, em agosto, sendo que o santo padroeiro é São Roque. A festa da comunidade apresenta uma tradição local muito interessante, na segunda-feira após a festa, ela continua para os moradores locais, que vão ao salão paroquial para se divertir entre si e esta é uma tradição que é comentada em todo o município. Faciole⁸⁸, saudoso, afirma: “para ti ter uma ideia nessa festa chegava dar vinte poucos ônibus lotado que vinham de outros municípios como Igrejinha, Taquara, Porto Alegre, Novo Hamburgo, o espaço ficava pequeno”. Acrescenta⁸⁹ ainda: “aqui nós tinha o Clube Serrano, que dava baile, janta italiana, dava um movimento louco, mas terminou, até o baile das rainhas, cada ano era uma, era tão lindo, mas tudo se acabou”.

Figura 20 – Imagem da Igreja São Roque, em dia de festa no Rincão dos Kroeff



Fonte: acervo pessoal da autora (2018).

⁸⁶ **A outra:** se refere a rodovia RS-453, conhecida como Rota do Sol.

⁸⁷ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁸⁸ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

⁸⁹ FACIOLE, Reinaldo. Entrevista concedida à autora no dia 18 de março de 2018.

Percebe-se que o distrito Rincão dos Kroeff é o único que obteve em seu início uma colonização por descendentes de italianos, dentro do município de São Francisco de Paula, o que demonstra o quão forte se dá a tradição “italiana” neste local, permanecendo intrínseca na vida cotidiana de seu povo, com a cultura do plantio de hortifrutigranjeiros que permanece, apesar do tempo, como sendo a sua maior identidade local.

4.7 DISTRITO DE LAJEADO GRANDE

Lajeado Grande, em tempos idos, pertenceu ao distrito de Cazuzza Ferreira e, somente em 12 de dezembro de 1968, se tornou um distrito independente, segundo a Lei nº 655, encontrada nos autos da Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula. A vila do distrito Lajeado Grande fica distante 63 quilômetros da Sede e se situa na confluência do Arroio Porco Morto e o Rio Bururi. Seu surgimento acontece, segundo o morador Fogaça⁹⁰, “*por volta de 1940, com a abertura da estrada Canela – Bom Jesus, a atual RS-476, que corta a vila do Distrito*”. Essa estrada, segundo o morador, facilitou a locomoção que anteriormente era feita totalmente pelas trilhas e picadas por onde somente se passava a cavalo ou de carreta. E o entrevistado explica como acontece o desenvolvimento inicial da vila:

Tu sabe, aqui tem o nome de Lajeado Grande, por causa, do rio que é cheio de lajes grandes o que facilitava a travessia, e as terras aqui por roda era tudo do falecido Pequeno Cardoso, ele doou parte para a construção da vila, onde o falecido Leopoldino Cardoso, irmão do Pequeno tinha uma ‘bodega velha’⁹¹ por aqui, sendo o primeiro comércio da vila.⁹²

A abertura da estrada possibilitou o desenvolvimento da vila, juntamente com o Casarão, um hotel pensão que foi construído as margens do Arroio Porco Morto, este Casarão passou por diversos proprietários:

Leopoldino Cardoso foi o idealizador do Casarão juntamente com os seus sócios Heráclito Andrade de Cardoso, ‘Joanito’, José Osório de Lima, ‘Zeca’ e Pequeno Cardoso, sendo que o Casarão era uma casa de negócio, compravam queijo couro, era um comércio forte, vendia secos e molhados, inclusive a primeira rodoviária foi instalada neste espaço, porém, em 1948, João Pacheco Cardoso assume e amplia o estabelecimento construindo o segundo piso da casa de madeira e alugando para outros dois moradores

⁹⁰ FOGAÇA, Blair dos Santos. Entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2018.

⁹¹ **Bodega velha**: referindo-se a uma antiga casa de comércio de secos e molhados, localizada onde hoje se encontra o armazém Celeiro.

⁹² FOGAÇA, Blair dos Santos. Entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2018

Eremi Terres e Claunir Lucena. Com a reforma o Casarão passa a ter treze quartos para aluguel, uma loja onde encontrava-se tudo o que se necessitava, de alfinete, tecido, alimentos e rações, além da ala que servia de moradia para os proprietários. Em 1962, o estabelecimento é alugado para Eraldo Bento de Oliveira, que além de gerenciar o estabelecimento colocou junto um bar, local de encontro dos homens da redondeza para tomar um 'trago'⁹³ (CERUTTI; SILVA; CARDOSO, 2002, p. 19).

Figura 21 – Imagem do Casarão pouco antes de ser desmanchado



Fonte: acervo pessoal de Fernando Oliveira (conhecido como Guego) (2018).

O Casarão foi desmanchado na década de 1980, pelo então proprietário Reno Pacheco. Porém, percebe-se na vila que seus antigos moradores falam com certo saudosismo deste estabelecimento que fez parte de suas vidas e chegam a lamentar o seu fim, morador Fogaça⁹⁴ afirma: “*ali se fez o pastel mais famoso do Lajeado Grande, o pastel da Odila, mas tudo se acabou quando eles entregaram e construíram lá na esquina*”.⁹⁵

Porém, a vila Lajeado Grande foi lentamente se desenvolvendo. Devido à necessidade da conservação da nova estrada foi construída às margens do Rio Bururi uma capatazia do DAER. Segundo Cerutti, Silva e Cardoso (2002, p. 18), “o primeiro capataz foi Capitulino Prudêncio de Oliveira, vindo de Santa Catarina, sua função era manter as estradas e chegou a ter vinte funcionários”. Percebe-se que, a

⁹³ **Trago:** expressão local que significa beber uma cachaça.

⁹⁴ FOGAÇA, Blair dos Santos. Entrevista concedida à autora no dia 06 de abril de 2018.

⁹⁵ **Esquina:** é o nome dado a parte da vila do Lajeado Grande, onde se dá o entroncamento das rodovias RS-453 e ERS-476.

partir deste momento, se inserem neste distrito pessoas advindas de outros estados e locais, visto que, até o presente momento, o distrito era habitado por fazendeiros naturais do próprio município e que tinham suas vidas ligadas diretamente à pecuária extensiva e à produção do queijo serrano. Importante destacar que a esposa de Capitulino, segundo Cerutti, Silva e Cardoso (2002, p. 18), “a Celicina Guilherme da Silva se torna uma figura conhecida por realizar partos, sendo chamada como parteira de campanha”. Na atualidade, filhos, netos e bisnetos do casal ainda residem na vila.

A vila do Lajeado Grande também recebe novos moradores com a prática do corte do pinheiro nativo, sendo que na década de 1950 havia uma fábrica de beneficiamento de madeira até se transformar em pasta, este material era levado para Esteio onde funcionava à matriz. A partir dos anos 1950, ocorre a instalação de serrarias, sendo que a Madeireira Albeflor, de propriedade de Valter Sguaizer, se instala em 1964. Novamente busca-se mão de obra em localidades próximas, como Lagoa Vermelha, Vacaria e Bom Jesus, porém, com a proibição da extração de madeira de lei, a serraria deixou de funcionar.

Percebe-se que no distrito não houve uma homogeneização identitária, visto a influência advinda de muitas culturas no passado, através da extração de madeira, e, na atualidade, com o advento das lavouras de hortifrutigranjeiros e pomares frutíferos, que ocupam boa parte do distrito, substituindo a pecuária extensiva, que já não proporciona um lucro efetivo. Então, os proprietários, na sua grande maioria, venderam ou arrendaram suas terras para novas culturas, o que modifica o modo de vida local, pois grande parte dos trabalhadores advém de outros estados, como o Paraná, e, também, se observa o uso da mão de obra indígena.

Essa miscigenação se observa nas escolas locais, visto que na vila funciona a Escola Municipal D. Pedro I, que, segundo Cerutti, Silva e Cardoso (2002, p. 35), “inicia em 1965, porém a professora e o prédio eram mantidos pela Serraria, mas, na década de 70, a prefeitura assumiu a escola, sendo que Eloci Martim foi a primeira professora da Serraria”. Escola da Serraria, como ainda é conhecida por boa parte dos moradores locais, apesar de a escola não se encontrar mais onde havia a antiga serraria. Atualmente a Escola Dom Pedro I funciona em um prédio obtido através da Associação de Moradores, atendendo alunos da pré-escola até o sexto ano das séries finais, tendo em seu quadro seis professores e duas funcionárias. Sendo que

a obra para um novo prédio teve início neste ano, mas percebe-se que a obra parou por volta do mês de maio. Porém, na vila também se encontra uma escola estadual:

A documentação necessária para a criação de uma nova escola na localidade foi elaborada por Manoel Cardoso de Andrade juntamente com a professora Odazilda Cardoso Demori e encaminhada à Secretaria da Educação, sendo que em 11 de fevereiro de 1953 foi criada a Escola Isolada de Lajeado Grande, sendo os professores estaduais, mas o prédio sob responsabilidade comunitária, iniciou o seu funcionamento nas dependências do DAER e somente em 1957 foi construído um prédio de madeira, em terras doadas por Pequeno Cardoso, local onde hoje ainda se encontra a escola, porém passou por muitas reformas, sendo que em 2000, recebeu um novo prédio de alvenaria, o que possibilitou a realização de um grande sonho dos professores e comunidade a implantação do Ensino Médio, que concretizou-se em 2002.⁹⁶

Atualmente, a escola atende em torno de trezentos alunos da Educação Básica, porém percebe-se que, devido às safras de hortifrutigranjeiros, o número de alunos se alterna durante o ano. O que também se percebe é o comportamento dos alunos com relação à diversidade cultural, por exemplo, usam bombacha, laçam boi de pau no recreio e escutam funk, uma cultura totalmente diferente da tradicionalista gaúcha, o que compreende-se como algo advindo da globalização cultural que vivemos no mundo atual, reforçando novamente o não reconhecimento de uma identidade forte na localidade.

Porém, as famílias tradicionais do local, mantêm fortemente arraigada a cultura tradicionalista que advém do homem do campo, tendo, no distrito, festas campeiras, torneios de laço e a festa religiosa, uma vez por ano, em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da vila.

Na atualidade, não se percebe uma identidade forte e marcada no distrito, e sim, uma miscigenação de diferentes culturas e etnias que convivem e se integram harmonicamente.

⁹⁶ CARDOSO, Amália Celuderes. Entrevista concedida à autora no dia 08 de março de 2018.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto consiste em um livro paradidático sobre a história de São Francisco de Paula. Apresenta, de maneira didática, a história de São Francisco de Paula, bem como, balões explicativos, imagens, sugestões de atividades e leituras complementares. Poderá servir de apoio pedagógico a professores e alunos do município, visto que existe pouco material sobre a história deste município e se faz importante trabalhar a história local, percepção que a autora obteve ao longo da sua caminhada como professora de história, que atua nas séries finais do ensino fundamental e médio, há dezessete anos, na rede estadual do município.

Partir do local não é abandonar o conhecimento histórico; é dar outro valor, sentido para este conhecimento. Segundo Caimi:

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual [...], mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significado, resultando em sólidas aprendizagens (CAIMI, 2006, p. 24).

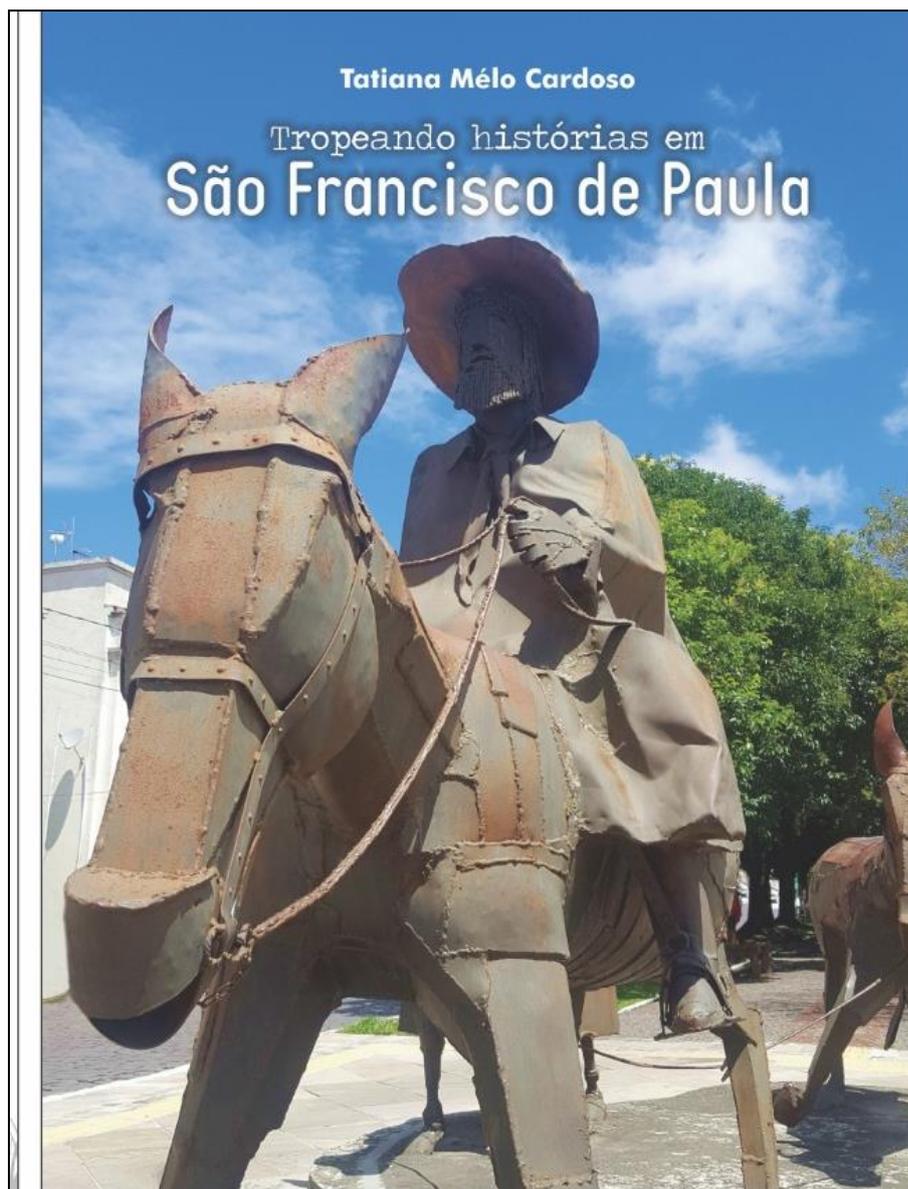
Segundo esta perspectiva, a implantação do Referencial Curricular Gaúcho, embasado na Base Nacional Comum Curricular, reforça a ideia já discutida nos parágrafos anteriores:

No que se refere, especificamente, ao componente História, a base rompe tanto com a cronologia, quanto à visão eurocêntrica da história tradicional. Entram em cena novos atores, novas sociedades, novos caminhos, que sempre tiveram na história, mas nem sempre receberam a devida importância. Acompanhando a Base Nacional Comum Curricular, o Referencial Curricular Gaúcho, no que se refere especificamente à disciplina de História, mantém seu foco na aprendizagem dos alunos nos diferentes espaços e tempos, tendo a preocupação de integrar o currículo com a diversidade regional de nosso Estado. Também é importante contemplar os temas integradores como ética, cidadania, cultura e valorização das diversidades, assegurando a multiplicidade de olhares sobre o mundo (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 118).

Portanto, o paradidático será mais um material disponível aos professores e estudantes da educação básica de São Francisco de Paula na construção do conhecimento da história do município, bem como, o reconhecimento de sua identidade neste material, visto que, se almeja que os estudantes percebam vestígios de sua identidade e se percebam como parte deste município através do conhecimento de sua história.

O paradidático vem com o título "Tropeando histórias em São Francisco de Paula", sendo que a capa traz a foto do Monumento aos Carreiros, monumento que se encontra na Avenida Júlio de Castilhos, em frente ao prédio da Prefeitura Municipal.

Figura 22 – Capa do livro



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

Na sequência, se apresenta o índice, que possibilita ao leitor localizar os diversos temas abordados, visto que existem nove capítulos.

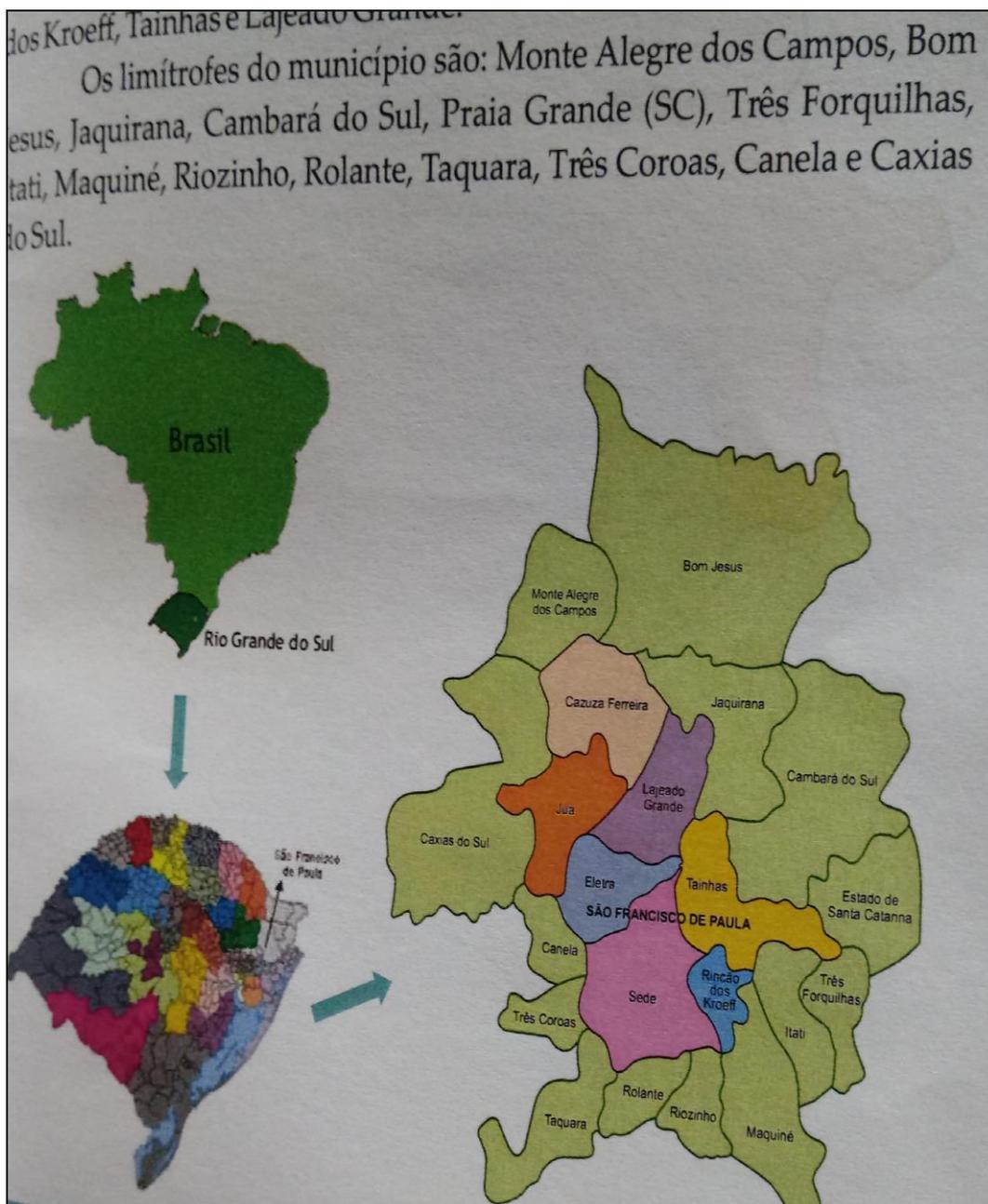
Figura 23 – Índice do livro

Índice	
Apresentação.....	5
1.Localização São Francisco de Paula.....	7
2.Existência indígena em São Francisco de Paula.....	10
3.Primeiros donatários colonizadores.....	12
4.Santo Antônio da Patrulha município mãe.....	15
5.São Francisco de Paula passa ser distrito de Taquara.....	17
6.1903 - São Francisco de Paula – Município.....	21
7.A Igreja Matriz.....	23
8.Distritos.....	25
8.1.Sede.....	25
8.2.Cazuza Ferreira.....	36
8.3.Tainhas.....	41
8.4.Eletra.....	43
8.5.Juá.....	46
8.6.Rincão dos Kroeff.....	49
8.7.Lajeado Grande.....	53
9.Sugestões de leitura.....	60
Referências Bibliográficas.....	61

Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

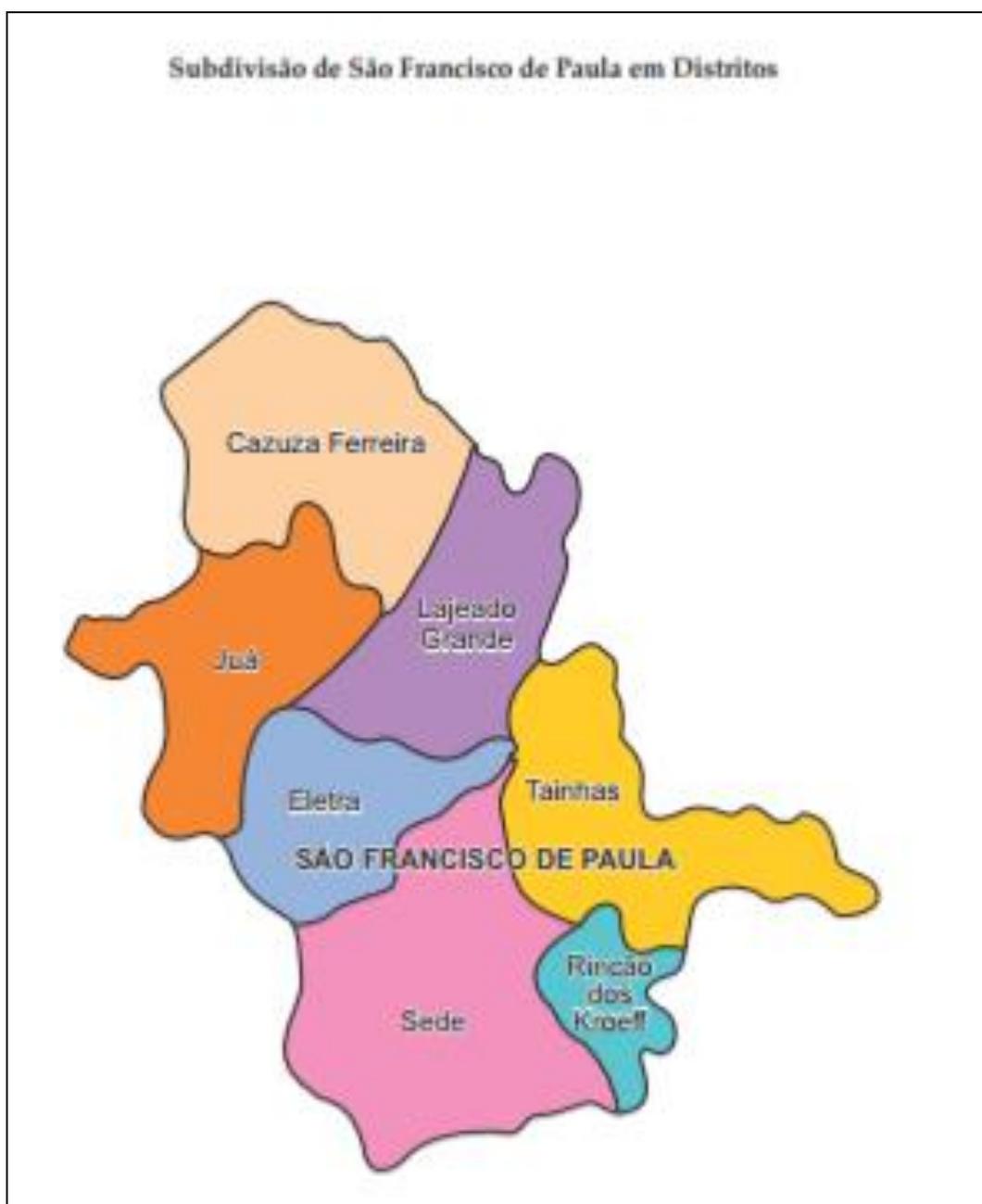
O capítulo um apresenta a localização de São Francisco de Paula, com uma série de mapas que facilitam a compreensão espacial dos alunos, assim como um mapa da subdivisão do município em distrito. Ao final são sugeridas duas atividades, que podem ser desenvolvidas de maneira interdisciplinar, com o apoio da professora de arte, geografia e português.

Figura 24 – Atividade do livro (capítulo 1)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

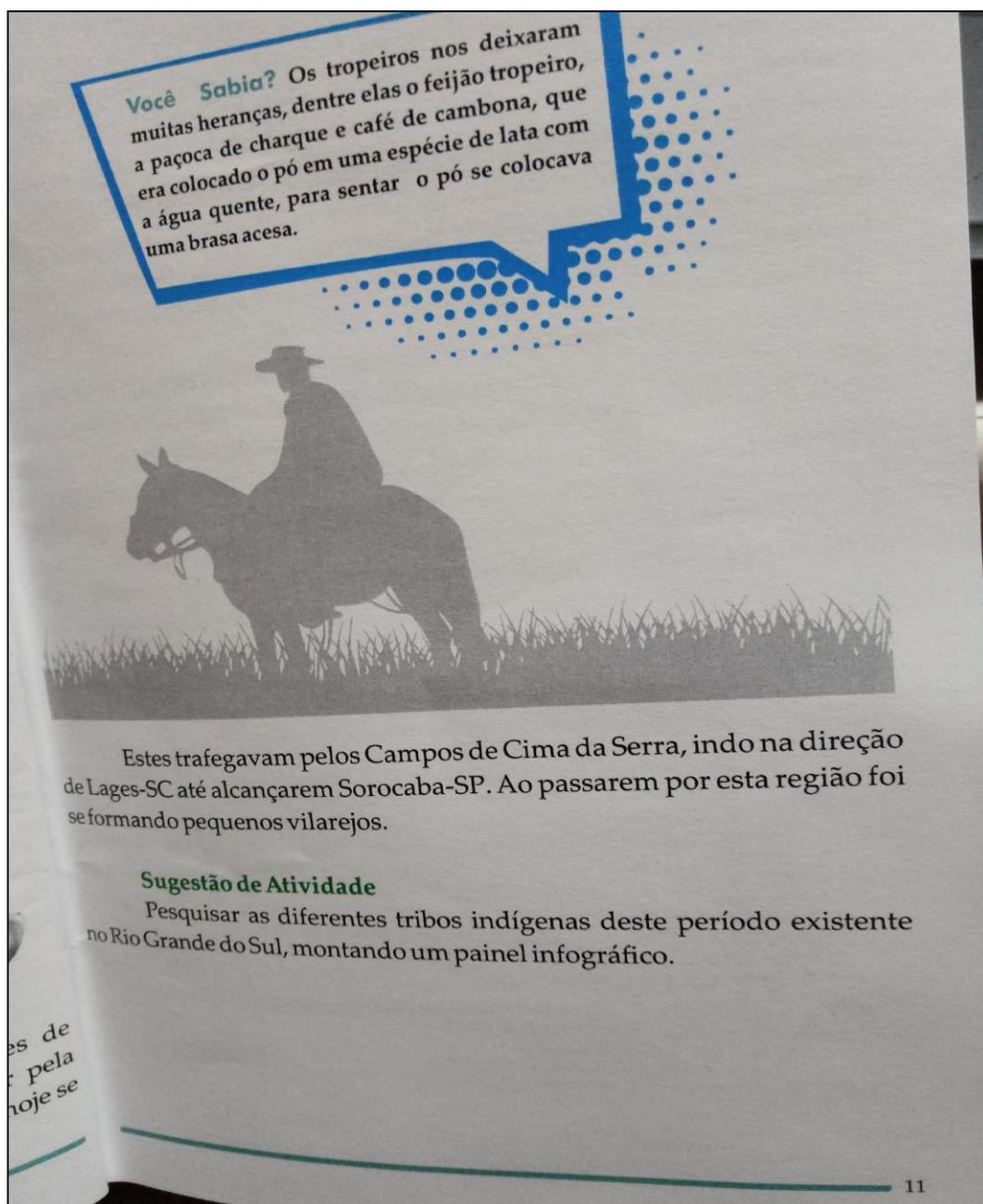
Figura 25 – Atividade do livro (capítulo 1)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

O capítulo dois aborda a existência indígena em São Francisco de Paula antes da chegada dos desbravadores vindos de São Paulo. Como sugestão de atividades, apresenta-se uma pesquisa sobre as diferentes tribos indígenas que habitavam a Província de São Pedro, além da criação de um painel infográfico.

Figura 26 – Atividade do livro (capítulo 2)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

No capítulo três, se apresentam os primeiros donatários colonizadores de São Francisco de Paula, com trecho de um testamento deixado por Pedro da Silva Chaves, o fundador de São Francisco de Paula, bem como, o mapa que localiza as primeiras sesmarias que corresponde ao território onde hoje é a Sede do município.

Figura 27 – Atividade do livro (capítulo 3)

Você Sabia? Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, denominação dada ao Rio Grande do Sul, no período do Império Brasileiro.

Em 1852, através da Lei Nº 266 de 30 de Novembro de 1852, elevada à categoria de freguesia a então capela São Francisco de Paula de Cima da Serra, pelo então vice-governador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o senhor Luiz Alves Leite de Oliveira Bello. Passados trinta e quatro anos houve distribuição de lotes devolutos, para pessoas pobres que comprovassem residência há pelo menos três anos e se comprometessem a “fundar moradia” em um prazo de um ano, sendo assim, passados três anos, seriam donos definitivos destes lotes, dando o início ao povoamento da vila. No mesmo período se dá a criação do cemitério municipal que ocorre em 1891.

Você Sabia? Somente moradores que comprovassem residência a mais de três anos, em São Francisco de Paula de Cima da Serra e pudessem manter os jazidos de seus entes, poderiam fazer uso deste espaço, visto que neste período devido as grandes distâncias cada fazenda tinha seu cemitério.

Sugestão de Atividade
Trabalhar conceitos de freguesia, capela e vila.

Sugestão de Atividade
Em grupos pesquisa sobre o povoamento da Província São Pedro do Rio Grande do Sul, bem como, do Brasil. Cada grupo deverá organizar uma apresentação eletrônica para os colegas, apresentando oralmente seu tema.

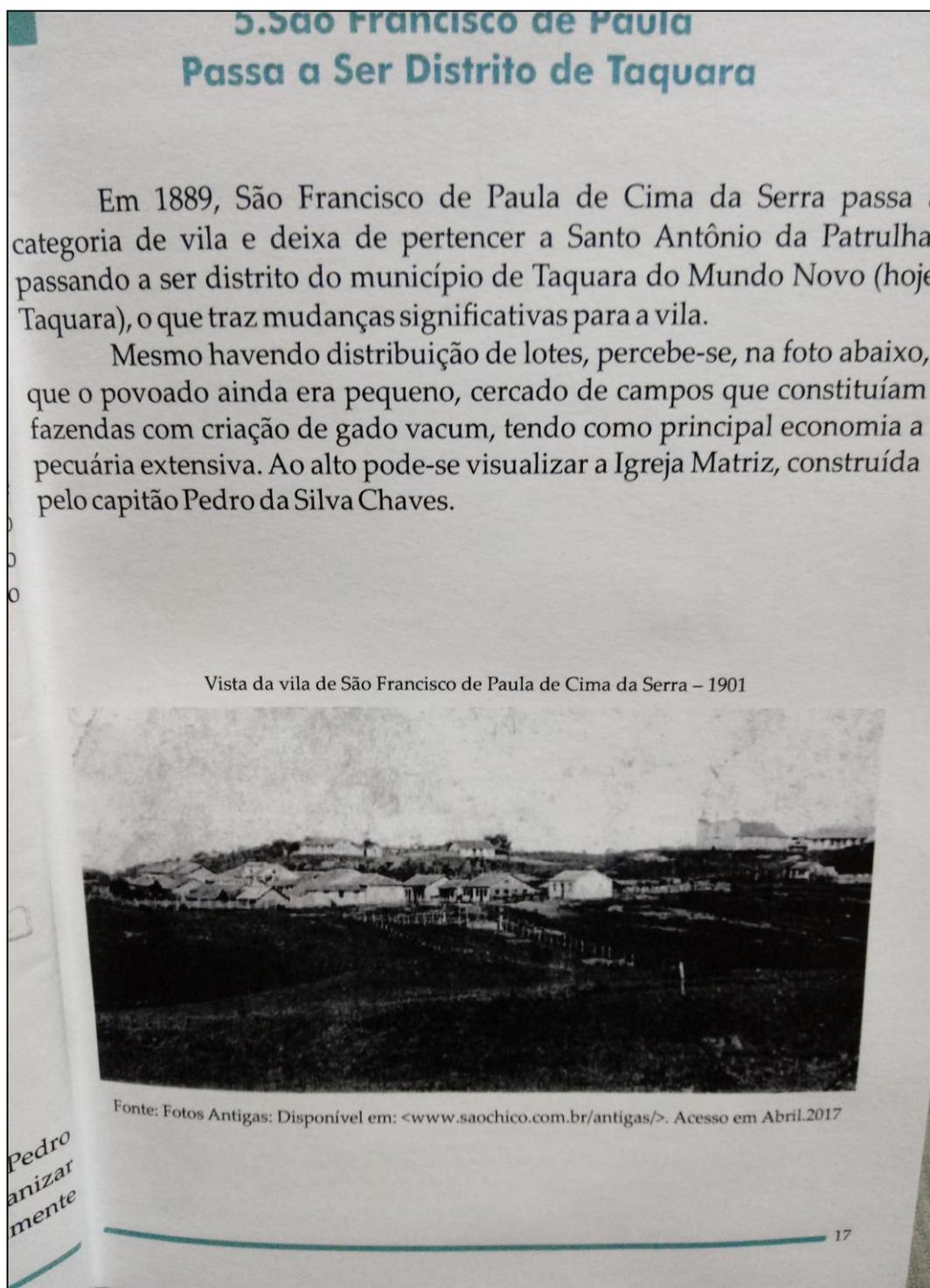
16

Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

Nos capítulos quatro e cinco, é apresentado o desenvolvimento de São Francisco de Paula, ainda no século XIX, quando pertencia ao município de Santo Antônio da Patrulha, e no final do século XIX, quando passa a pertencer ao então

município de Taquara do Mundo Novo. Existe também um mapa, que demonstra a extensão territorial de Santo Antônio da Patrulha e quais são os municípios hoje que pertenceram a este, bem como a importância da abertura da estrada que liga São Francisco de Paula a Taquara.

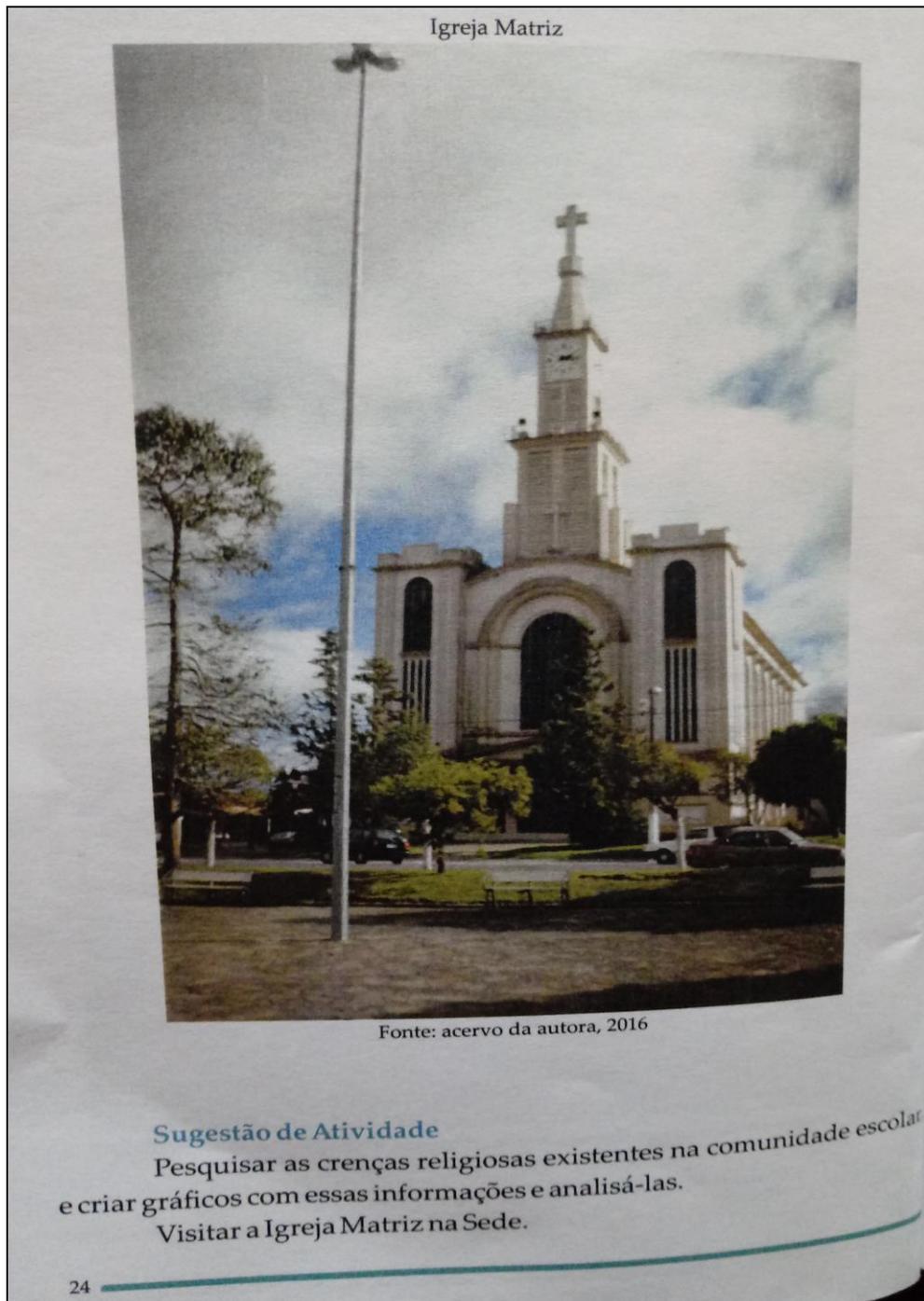
Figura 28 – Atividade do livro (capítulo 4)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

Os capítulos seis e sete apontam a construção do Município a partir de sua emancipação em 1903, sua extensão territorial e a diminuição do seu território ao longo do tempo e a história da Igreja Matriz. Como sugestão de atividade, pesquisar a diversidade religiosa existente na comunidade escolar e criar gráficos com essas informações, podendo a partir de então trabalhar com as questões religiosas ontem e hoje no mundo.

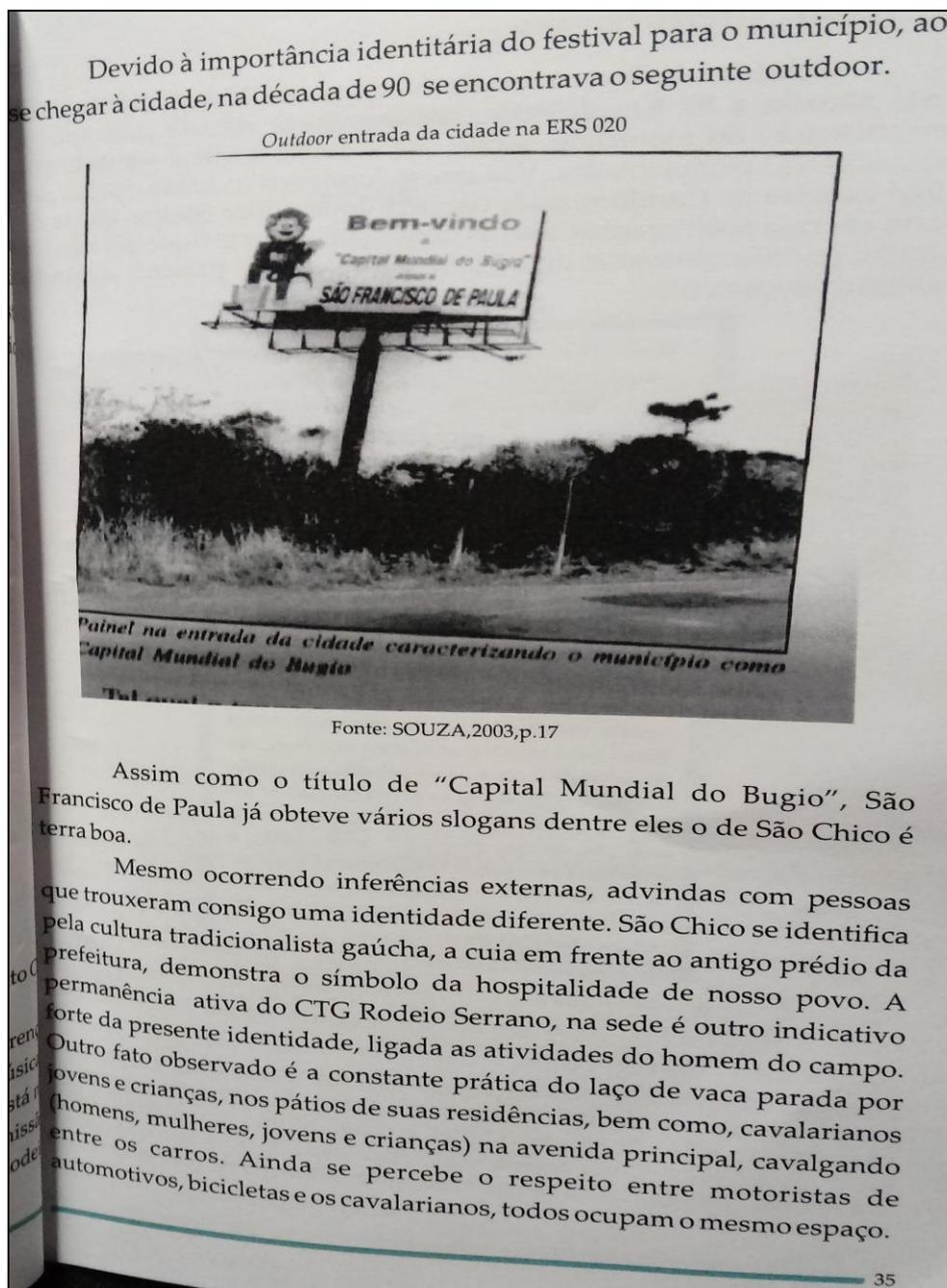
Figura 29 – Atividade do livro (capítulo 6)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

No capítulo oito, se apresenta o que difere os sete distritos de São Francisco de Paula. Este capítulo se apresenta subdividido em sete subtítulos, onde cada um corresponde a um distrito do município. Tendo como fonte principal as entrevistas realizadas com moradores locais, mesclado com fontes documentais e bibliográficas que corroboram para se perceber que há alguns distritos que mantêm suas tradições ao longo do tempo e é possível perceber que existe uma identidade que aproxima aquela população.

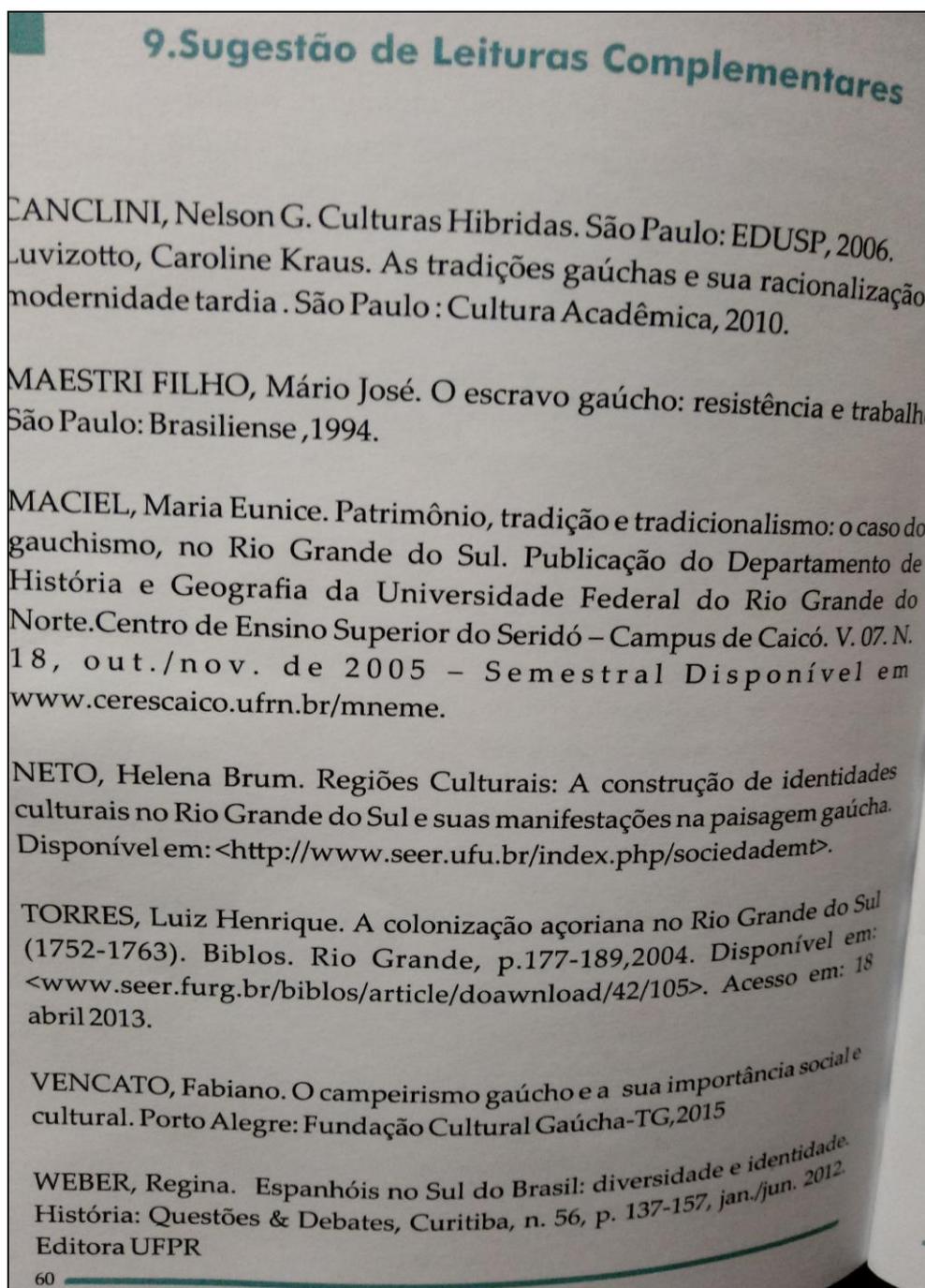
Figura 30 – Atividade do livro (capítulo 8)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

No último capítulo, o nove, se exhibe uma lista de sugestões de leituras complementares, a fim de se aprofundarem sobre determinados temas. E, por fim, as referências utilizadas para a construção do paradidático Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

Figura 31 – Atividade do livro (Sugestão de Leituras Complementares)



Fonte: Livro Tropeando Histórias em São Francisco de Paula.

O produto foi testado em duas turmas da Educação Básica, na Escola Estadual de Ensino Médio Lajeado Grande, com o propósito de avaliar qual seria a reação dos estudantes diante do material e por ele ter sido produzido por alguém que convive com eles semanalmente. A receptividade foi bastante gratificante, como se pode observar na Figura 32.

Figura 32 – Alunos do Ensino Médio



Fonte: acervo pessoal da autora (2019).

A receptividade foi muito interessante, visto que os estudantes acompanharam a trajetória para chegar ao produto final, algo que os deixava ansiosos para manusear, pois muitas vezes foram parceiros. A autora foi compartilhando, com os estudantes, as informações obtidas durante a pesquisa e as descobertas encontradas, usando, em suas aulas, a história local para abordar os diferentes temas e conceitos históricos.

Quando a autora apresenta o produto os estudantes do ensino médio, estes formam grupos por distritos e buscam logo reconhecer no material sua identidade, após comentam sobre as peculiaridades de cada distrito. Porém, os alunos do ensino fundamental manuseiam o produto, mas não se detém ao distrito em que pertence, e sim, as imagens e as explicações apresentadas no você sabia.

O que enriquece o trabalho realizado foi o envolvimento dos estudantes com o produto, solicitando quando poderão ler calmamente todo o trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de experiências pessoais em sala de aula, se percebeu que o ensino de História, quando se partia da história local havia maior interesse dos estudantes da educação básica, motivo pelo qual se deu a questão-problema desta dissertação, que está relacionada diretamente com o não uso desta história, pelos professores da educação básica.

Em conversas informais com professores da educação básica que atuam no município de São Francisco de Paula, em sua grande maioria, alegam que o grande empecilho para se trabalhar a história local é o pouco material disponível sobre a história de São Francisco de Paula, além do rigor dos currículos, que impõem o ensino de História de maneira linear, sem contextualização com a realidade vivida pelos estudantes, pois, desta forma, não estão preparando os estudantes para as avaliações do Ministério da Educação, bem como, para o vestibular. Porém, não se está afirmando que deverá estudar somente a história local, e sim, partir dela como incentivo para estudos dos conceitos e temáticas da história, por muitas vezes totalmente abstrato e de difícil compreensão pela grande maioria dos estudantes.

A partir de então, se realizaram inúmeros questionamentos, como qual a necessidade de se ensinar História, de forma abstrata, sem nenhuma relação com as vivências dos estudantes? Por que não usar a fonte oral, como metodologia de pesquisa no ensino de História, em São Francisco de Paula, já que não existem muitos materiais escritos a respeito desta história, principalmente no que tange os distritos do interior. Porém, estes questionamentos não foram aprofundados na dissertação, por não ser o objetivo direto da pesquisa, mas, posteriormente, poderá se tornar um novo projeto de pesquisa.

Nesta incessante busca por resposta, se constrói todo o estudo desta dissertação que em um primeiro momento busca embasamento em diferentes autores que comprovam que o ensino de História voltado para o local, faz maior sentido para os estudantes da educação básica e que isto não significa abandonar os conceitos históricos, e sim, questionar, analisar a trajetória humana no tempo e no espaço, sob uma nova metodologia. Apenas se sugere uma nova abordagem, que torne o ensino de História menos abstrato, algo mais presente na vida do estudante, e que possibilite a ele a habilidade de perceber que o mundo está em constante mudança, porém os fatos não ocorrem de forma isolada no espaço. Algo

que foi reforçado após a construção da Base Nacional Curricular e o Referencial Curricular Gaúcho, que vem de encontro com esta proposta de se estudar a história sobre novos olhares, não esquecendo das especificidades regionais do estado do Rio Grande do Sul, para o reconhecimento da identidade local e regional.

A identidade local, nesta pesquisa, se buscou através de relatos de moradores locais que, gentilmente, colaboraram para o sucesso deste trabalho, pois a memória se tornou a fonte primordial para se escrever o que identifica os sete distritos que constituem São Francisco de Paula. Certamente a temática não se esgotou, ainda há muito que se pesquisar e escrever sobre a história de São Francisco de Paula, possibilitando a criação de novos materiais que possam ser usados em sala de aula pelos professores e alunos deste município.

Mas, ao mesmo tempo, há uma preocupação por parte da autora, nada adianta, criar produtos, sinalizar novos métodos ao ensino de História, se o profissional, professor, não estiver preparado para trabalhar com novas fontes históricas, novas metodologias de ensino, proporcionando aos estudantes a oportunidade de construir seu próprio conhecimento histórico, embasado em sua realidade e suas vivências.

Vivências que se tornaram aliadas na pesquisa, pois a autora nasceu e sempre viveu no município de São Francisco de Paula, porém a maior dificuldade encontrada nesta caminhada foi percorrer grandes distâncias, por estradas de rodagem em péssimas condições de trafegabilidade, para gravar os relatos que servem de base para a construção desta pesquisa. O município de São Francisco de Paula é territorialmente extenso e essas distâncias percorridas deram o nome ao produto Tropeando Histórias em São Francisco de Paula, como uma homenagem aos antigos tropeiros deste município, que passavam boa parte de sua vida, ao lombo de mulas, levando e buscando mercadorias pelos campos de cima da serra.

Visto que desde o processo seletivo do mestrado, em agosto de 2016, quando se apresentou o projeto de pesquisa, já se pensava no produto, um livro paradidático no formato físico. A autora, por diversas vezes, foi questionada por que não um blog ou site? Porque na forma física este material seria de fácil manuseio pelos estudantes e professores, pois principalmente no interior, uso da internet ainda é um problema, visto que, em muitos locais, não existe sinal de telefonia, dirá internet.

O paradidático foi se moldando ao longo do tempo, até se chegar a versão final, com uma ampla gama de informações e curiosidades sobre os sete distritos de São Francisco de Paula, onde se pretende que os alunos e professores possam fazer uso deste material em sala de aula, para tanto, a autora pretende, posteriormente, lançar o produto, para que possa ser lido e manuseado por todos, inclusive por aqueles que gostam de história e sentem curiosidade sobre a formação do seu distrito e, por conseguinte, do município de São Francisco de Paula.

O paradidático foi testado em duas turmas da Escola Estadual de Ensino Médio Lajeado Grande, sendo uma de Ensino Médio e a outra das séries finais do Ensino Fundamental. Os alunos já detinham o conhecimento que a autora estava cursando o Mestrado e que, para sua conclusão, deveria apresentar um produto. Era de conhecimento de todos os estudantes que a autora estava produzindo um paradidático sobre a história de São Francisco de Paula, pois a mesma é professora destes estudantes nesta escola.

Em um primeiro momento, se explica que é apenas um protótipo, que somente a capa está colorida, e o restante está todo em preto e branco, e que a versão final terá as imagens e as curiosidades coloridas, o que com certeza chamará mais atenção. Ao entregar o paradidático Tropeando Histórias em São Francisco de Paula para que possam manuseá-lo, veio a primeira grande surpresa, os estudantes ficaram muito contentes, por a turma ter sido escolhida pela autora, escolha essa que se justifica por ter trabalhado todo o ano de 2017 com estes alunos, partindo da história local.

A turma do oitavo ano do Ensino Fundamental manuseou, sendo que os alunos acharam interessante, porém se deteram mais nas imagens e balões do “você sabia”. Mas, de maneira ampla e geral, acharam muito interessante a foto de capa, com o Monumento aos Carreiros, situado na Avenida Júlio de Castilhos, em frente ao prédio da Prefeitura Municipal, pois alguns não conhecem a Sede do município.

Os alunos do segundo ano do Ensino Médio se surpreenderam e foram direto ler sobre o distrito no qual residem. Interessados, questionaram sobre curiosidades de como o material foi construído, quais as maiores dificuldades encontradas, elogiaram o leiaute, as imagens de fundo ao lado de cada curiosidade, relatando que chama a atenção, além de considerarem relevantes as sugestões de atividades e, ao final, solicitaram quando o material estará disponível para que possam ler

integralmente, visto que um período de cinquenta minutos não foi suficiente para que todos manuseassem, se fazendo necessário levar novamente na próxima aula.

A autora se sentiu motivada pela recepção do produto por seus alunos, o que a incentiva continuar pesquisando sobre outras temáticas a respeito da história de São Francisco de Paula, trazendo para seu fazer pedagógico novas fontes, que proporcionem um estudo da História de maneira ampla e contextualizada com a realidade local que os cerca.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. São Paulo: FGV, 2008.
- ALMEIDA, Magdalena Maria de. **História oral e formalidades metodológicas**. 2012. Disponível em: <www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_A_BHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- ALVES, Luiz Antônio. **Os fundadores de São Francisco de Paula**. 1. ed. Caxias do Sul, RS: Edição do Autor, 2007.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Teoria, historiografia e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. **Antíteses**, v. 3, n. 6. jul./dez. 2010.
- BARBOSA, Eni; GONÇALVES, Jorge José Xavier (Orgs.). **Documentos históricos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**. Arquivo Histórico de São Francisco de Paula, 1992.
- BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de história local: redescobrimos sentidos. **Saeculum: Revista de História**, João Pessoa, v. 15, jul./dez. 2006.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: a Escola dos Annales e a nova história**. v. 5. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BASTOS, Rogério. Patronagem feminina. **Eco da Tradição: Informativo Oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG**, ano 15, n. 189, maio 2017.
- BITTENCOURT, Cirse Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUM, Mario Sérgio Ignácio. Memórias, identidades e silêncios: a história local em sala de aula, trabalhada com diferentes gerações. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 7, p. 313-333, 2015. Disponível em <rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/181>, acesso 15 de dezembro de 2016.
- CAIMI, Flavia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo [online]**, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. **Imaginários urbanos**. Série Aniversário. Buenos Aires: Editora Universitária de Buenos Aires, 1997.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jathahy (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CERUTTI, Ana Paula; SILVA, Fátima Rosângela Cândido; CARDOSO, Tatiana Mélo. **Lageado Grande: na rota do desenvolvimento – 1968-2002**. Monografia (Disciplina Métodos e Técnicas em História II) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2002.

CUNHA, Bruno Ornelas da. **Jogo urbano: história local no ensino de história**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memórias e identidades. **História Oral**, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em <moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf>, acesso em 14 de julho de 2018.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Curso de Tradicionalismo Gaúcho**. 3. Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. **Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas**. 1. ed. São Paulo: Somos Mestres, 2012.

FONSECA, José Carlos Santos da. **São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul: histórias, encantos e mistérios**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

GOUBERT, Pierre. História local. **História e Perspectivas**, Uberlândia, MG, jan./jun. 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. Universidade Laval, Quebec. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 38. p. 125-131, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LUCENA, Plínio Andrade de. **Monografia**. São Francisco de Paula, RS, 1971.

MENDES, Murilo. **A História no curso secundário**. São Paulo: Gráfica Paulista, 1935.

MENIN, Izabel Cristina Durlí. **O ensino da história local: historiografia, práticas metodológicas e memória cotidiana na era das mídias interativas no município de Veranópolis**. 2015. 107f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Caxias do Sul, RS, 2015.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAERJ, 2007.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997. Disponível em: <www.academia.edu/3763517/Produzindo_livros_did%C3%A1ticos_e_paradid%C3%A1ticos>. Acesso em: 22 jun. 2017.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25-26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596>. Acesso em: 14 dez. 2018.

NEVES, Joana. História local e a construção da identidade social. **Revista Saeculum**, Universidade Federal da Paraíba, jan./dez. 1997.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. **Aurorescer das sesmarias serranas: história e genealogia**. 1. ed. Porto Alegre: Edições EST, 1996.

PORTAL SÃO CHICO. **Fotos antigas de São Francisco de Paula**. 2018. Disponível em: <www.saochico.com.br/antigas>. Acesso em: 12 abr. 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA. **Ronco do Bugio: regulamento 2017**. Disponível em: <www.saofranciscodepaula.rs.gov.br/publicacoes/ronco%20do%20bugio%20regulamento%202017.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. **Referencial Curricular Gaúcho: Humanas**. Porto Alegre, Secretaria de Estado da Educação, 2018. Disponível em: <<http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SAVARIS, José Antônio. **Pedágio: pressupostos jurídicos**. 3; ed. Curitiba: Juruá, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar: como jogar com isso?. In: GIACOMONI, Marcelo Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). **Jogos e ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Memória. In: **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Marco; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de História: teoria e prática.** 1. ed. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SOUZA, Israel Soares de. **Educação popular e ensino de história local: cruzando conceitos e práticas.** 2015. 238f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, 2015.

SOUZA, Léo Ribeiro. **Festival Ronco do Bugio: São Francisco de Paula.** Porto Alegre: Evangraf: 2003.

SOUZA, Magda Vianna de. **Reinvenção das tradições e promoção do turismo: estratégias diferenciadas de mercantilização da identidade cultural: os casos de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula no Rio Grande do Sul.** 2005. 230f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TEIXEIRA, Maria Lucia da Silva. **São Francisco de Paula: nossa terra, nossa gente.** Porto Alegre: Evangraf, 2002.

FONTES CONSULTADAS

Arquivo Histórico de São Francisco de Paula

Jornal Folha da Serra n. 8, do dia 02 de março de 1958.

Jornal Folha da Serra n. 11, do dia 29 de setembro de 1968.

Jornal Folha da Serra n. 25, do dia 31 de dezembro de 1968.

Jornal Folha da Serra n. 89, do dia 07 de setembro de 1969.

Jornal São Chico Tchê n. 4, do dia 30 de abril de 1986.

Jornal São Chico Tchê n. 11, do dia 25 de maio de 1986.

Jornal São Chico Tchê n. 12, do dia 28 de maio de 1986.

Jornal Pioneiro, versão digital, do dia 02 de junho de 2017.

Entrevistas

Amália Celuderes Cardoso, residente no distrito de Lajeado Grande, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 08 de março de 2018.

Blair dos Santos Fogaça, residente no distrito de Lajeado Grande, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 06 de abril de 2018.

Célia Pacheco Terres Basso, residente no distrito de Cazuza Ferreira, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2018.

Darci da Silva Fagundes, residente no distrito de Tainhas, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2018.

Deotildes Palhano dos Santos, residente no distrito do Juá, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2018.

Jaures Feijó Gomes, residente no distrito de Eletra, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 15 de fevereiro de 2018.

Luciana Olga Soares, residente no distrito Sede, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 01 de março de 2018.

Maria Madalena Scalco Faciole, residente no distrito do Rincão dos Kroeff, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 18 de março de 2018.

Moacir Castello Branco de Albuquerque, residente no distrito Sede, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 06 abril de 2018.

Nauro Bossle de Andrade, residente no distrito de Cazuza Ferreira, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 04 de março de 2018.

Orides Reis, residente no distrito do Juá, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 12 de maio de 2018.

Reinaldo Faciole, residente no distrito do Rincão dos Kroeff, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 18 de março de 2018.

Susana Marques Soares, residente no distrito de Eletra, São Francisco de Paula/RS. Entrevista realizada no dia 15 de fevereiro de 2018.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MORADORES LOCAIS DOS DISTRITOS DE
SÃO FRANCISCO DE PAULA**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO EM HISTÓRIA
PROFISSIONAL**

PESQUISA DE CAMPO – TATIANA MÉLO CARDOSO

1. Nome completo
2. Idade
3. Quantos anos reside neste distrito?
4. Como se formou este distrito?
5. Por que ele tem esse nome?
6. Quem foram os primeiros moradores?
7. Como era a vida aqui há tempos atrás?
8. O que mudou aqui com o passar dos anos?
9. O que identifica este lugar?
10. As pessoas hoje, que moram aqui, na grande maioria são naturais daqui, ou vieram de onde?
11. A(o) Sra.(Sr.) acredita que as futuras gerações valorizaram e/ou conheceram a história local, ou vai se perder no tempo?
12. Como funcionava a questão do ensino em meados do século XX, havia escola na localidade?
13. Qual a primeira escola deste distrito, data de fundação, local de funcionamento e a primeira professora?
14. Achas importante trabalhar nas escolas, a história do lugar?
15. O que é tradição deste distrito?
16. Qual é a fonte de renda das pessoas, no que elas trabalham?
17. Qual é o lazer das pessoas aqui?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa Ensino de História Local e o Paradidático: caso São Francisco de Paula, desenvolvida pela aluna Tatiana Mélo Cardoso do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade de Caxias de Sul. Fui informado(a) que poderei consultá-la a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail: t_ati_m@hotmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo.

Minha colaboração não ficará anônima e foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. A análise dos dados obtidos serão divulgados, não permanecendo restritas apenas a pesquisadora e/ou seu(s) orientador(es) /coordenador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa /programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

São Francisco de Paula, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do responsável